

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci^ufer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

**O impulso espiritual de
Helena P. Blavatsky**

**Utopia
A terra feliz existe?**

**A visão teosófica da nossa
visão**

**Como encontrar o seu
Trabalho?**

Atmosfera no nascimento

Influência do karma

**O conhecimento adquirido
se perde?**

O que é o Devachan?



Ilustração da capa:

Estátua de Al-Farabi em
Almaty, Cazaquistão.
Escultura de Ayana
Sergebayeva. Ver artigo
"Utopia. Será que a terra
feliz existe?"

EDITORIAL

p. 70

O impulso espiritual de Helena P. Blavatsky

p. 71

Para compreender o papel especial de Helena Petrovna Blavatsky como Mensageira da Sabedoria Antiga, devemos estudar as ideias inovadoras e universais que ela trouxe. Herman C. Vermeulen deu uma palestra sobre esse assunto que foi editado neste artigo.

Herman C. Vermeulen

Utopia

A terra feliz existe?

p. 80

Ao longo dos séculos, as pessoas inventaram utopias: países ideais, onde as pessoas são felizes. Não passarão de castelos no ar? Ou será que as utopias podem ser úteis para o desenvolvimento da humanidade?

Barend Voorham

A abordagem teosófica da nossa visão

p. 88

O que acontece quando estamos a ver? Que condições determinam a nossa visão? Nós discutimos este tema a partir do conhecimento da Teosofia, porque há um grande interesse sobre o assunto. O artigo é também uma resposta à questão atual: posso confiar que o que vejo existe realmente? Qual é, por exemplo, o valor dos testemunhos?

Henk Bezemer

Como encontrar o seu Trabalho?

p. 93

O trabalho é uma parte natural das nossas vidas. No entanto, muitas pessoas debatem-se com ele. O que é o trabalho, para que para que é que se trabalha e como é que se encontra um trabalho que lhe convém?

Erwin Bomas



Apresentação da tradução portuguesa de *Os Fundamentos da Filosofia Esotérica* de Gottfried de Purucker

p. 99

Este livro foi compilado de 48 estudos que De Purucker realizou durante os anos de 1924 a 1927 para a Seção Esotérica (S.E.) da Sociedade Teosófica em Point Loma.

Perguntas & Respostas p. 100

- » Atmosfera no nascimento
- » Karma
- » Será que o conhecimento adquirido se perde?
- » Devachan



Editorial

Embora a Theosophia seja a mais sublime, nobre e profunda filosofia de vida, que mesmo os maiores pensadores nunca poderão compreender totalmente, cada ser humano pode entender algo dela e tirar as suas próprias conclusões para a prática diária. A tarefa de *Lúcifer, o portador da Luz*, é ajudar-nos nisso. Nós fornecemos um esboço dos grandes pensamentos de um ensinamento teosófico, mas sempre elaboramos sobre como esse ensinamento pode inspirar o homem e elevar a sociedade a um nível mais alto.

Ao fazer isso, estamos tentando nos conectar com essa grande tradição esotérica, que foi revitalizada com o surgimento de Helena P. Blavatsky. O enorme esforço que ela fez para introduzir novas ideias ao mundo ocidental é claramente explicado no artigo *O impulso espiritual de Helena P. Blavatsky*.

É da maior importância perceber que o homem é, na sua essência, um ser divino. As pessoas são, portanto, capazes de criar um mundo elevado e idealista. É por isso que é tão importante imaginar essa Utopia no nosso pensamento, algo que foi feito em todas as épocas. Quanto mais diligentemente vivermos a nossa *Utopia*, mais rapidamente ela se tornará realidade no mundo exterior.

Theosophia é a síntese da religião, da filosofia e da ciência. Aparentemente, pode parecer que o artigo *A visão teosófica da nossa visão* enfatiza o aspeto científico. Mas se incluirmos a filosofia, compreendemos cada vez melhor o que é “ver” de facto. Além disso, este artigo ensina-nos que, se colocarmos o nosso ego menos no centro (um aspecto religioso), percebemos muito mais.

Lúcifer, o portador da Luz, não se afasta dos problemas das pessoas. Isso é evidente no artigo *Como encontrar o seu trabalho?* A visão teosófica do trabalho é, no entanto, de um ângulo muito diferente do que normalmente se entende por ele. Este artigo explora a contribuição que pode efetivamente pode dar.

Finalmente, na nossa secção de *Perguntas & Respostas*, mergulhamos num número variado de assuntos: a esfera em torno do nascimento humano, a nossa influência no karma, e o que acontecerá com o nosso conhecimento quando morrermos – perguntas que muitos fazem.

Como sempre, estamos abertos aos seus comentários e perguntas. A troca de ideias pode tornar-se a Theosophia mais forte. Estamos convencidos de que se a Theosophia ocupar o seu merecido lugar no mundo, os conflitos e a desarmonia desaparecerão gradualmente. Para este fim, cada pessoa pode contribuir.

Os editores



O impulso espiritual de Helena P. Blavatsky

A fim de melhor compreender o papel especial de Helena Petrovna Blavatsky como Mensageira da Sabedoria Antiga, precisamos de mergulhar nas ideias revolucionárias e universais que ela trouxe para substituir as velhas e arraigadas visões da época. Theosophia apoia na realidade um ensino universal: a unidade fundamental e a inseparável interconectividade da vida. Esta é a sua mensagem.

Quem é Helena P. Blavatsky?

Não é fácil responder à questão de quem é Helena P. Blavatsky. Uma história agitada da sua vida e o número espectacular de artigos, cartas e livros que produz pode dar-nos alguma perspicácia, mas para compreender realmente o que está a acontecer e porquê, quero abordar a questão a três níveis diferentes: Helena Blavatsky como ser humano, como Tulku e como transformador espiritual. Isto deve incluir realçar o valor do seu legado literário.

Blavatsky nasce como Helena Petrovna von Hahn em Ekaterinoslav (Dnipropetrovsk), um lugar a sudeste de Kiev, na Ucrânia. É 31 de Julho de 1831, de acordo com o calendário antigo então em uso na Rússia; de acordo com o nosso calendário actual, é 12 de Agosto de 1831, às 02.17 da madrugada. No entanto, a hora exacta nunca é registada oficialmente. Uma reconstrução astrológica, baseada numa série de acontecimentos importantes na sua vida, chega mais tarde a 12 de Agosto, à 01.42 da manhã, hora local.

É uma altura conturbada na Rússia e na Europa, com a cólera a fazer

muitas vítimas. A pequena Helena chega ao mundo com a saúde debilitada; a família decide portanto baptizá-la rapidamente, de acordo com a ideia no seio da Igreja Ortodoxa de que trará calamidade se uma criança morrer sem ser baptizada. Durante a cerimónia de baptismo, uma jovem sobrinha toca acidentalmente nas roupas do padre com uma vela acesa, fazendo com que o homem e alguns transeuntes se incendiem e sofram algumas queimaduras. Assim, este baptismo torna-se um preságio memorável. Pois se Blavatsky vai demolir e criticar uma coisa na sua vida, é a instituição da igreja.

Alguns factos num relance

A vida de Helena P. Blavatsky tem muitas fases e momentos importantes. Uma visão geral muito breve já dá uma impressão sobre eles:

Entre 1848 e 1875, Blavatsky viajou pelo mundo não menos de três vezes. Naqueles dias, com nada mais do que barcos, comboios, carruagens e cavalos, esta é uma actividade extenuante e demorada. Todas estas viagens permitem-lhe ter experiências em primeira mão de todas as

Pensamentos-chave

- » Blavatsky faz uma apresentação mais profunda de Theosophia para o Ocidente.
- » Ela define o verdadeiro ocultismo como altruísmo, a grande renúncia ao eu.
- » Blavatsky é a porta de entrada para a Loja da Sabedoria e da Compaixão.
- » Ela vem como Mensageira num momento cíclico importante.

diferentes culturas e tradições que existem no campo religioso e filosófico.

Em 1851, no seu 20º aniversário, Blavatsky tem o importantíssimo primeiro encontro (exterior) com o Mestre M. no Hyde Park em Londres. Mestre Morya pergunta-lhe lá aquela pergunta tão importante: está disposto a dedicar a sua vida a uma obra importante (propagar a Teosofia) e assim ajudar a humanidade?

A resposta de Blavatsky é: sim. Seguem-se muitas viagens, incluindo ao Egito e ao Tibete, onde ela passou quase três anos em vários mosteiros para treinar com os Mestres.

Em 1875, a 17 de Novembro, é fundada em Nova Iorque a Sociedade Teosófica, com, além de H.P. Blavatsky, outros incluindo W.Q. Judge e H.S. Olcott.

Após um início aparentemente calmo, *Isis Sem Véu* foi publicado em Setembro de 1877, gerando uma tempestade de interesse. Isto é seguido em 1888 pela publicação de *A Doutrina Secreta*, o abrangente trabalho padrão teosófico sobre as origens do cosmos e as origens do homem, revelando ao Ocidente um vasto e até agora escondido conhecimento sobre isto.

Também em 1888, paralelamente à Sociedade Teosófica, mas separado dela, é fundado um grupo: a *Escola Esotérica* ou *ES*, também conhecida como a Seita Esotérica. Em 8 de Maio de 1891, H.P. Blavatsky – como ela própria lhe chamou, “Voltou para casa”.

Theosophia para o Ocidente

Para Blavatsky, a sua estadia no Tibete é um período em que adquire muitos conhecimentos num ambiente pacífico e espiritual, sob a orientação dos seus Professores. Mas não só isso; a formação no Tibete contribui muito para o desenvolvimento das suas faculdades espirituais. Com isto, ela irá mais tarde chamar a atenção para a Teosofia no Ocidente, mostrando que a Natureza tem claramente um lado não-material. As capacidades psíquicas nos “fenómenos” que ela provoca exigem um grande domínio dos elementos para os realizar sem perigo. A Teosofia que Blavatsky traz ao Ocidente com a fundação da Sociedade Teosófica – nas instruções dos seus Professores – é apenas a parte da *Theosophia*. A palavra Teosofia é uma contracção das palavras gregas ‘Theos’ e ‘Sophia’, que significa ‘divino’ e ‘sabedoria’, ou ‘Sabedoria dos Deuses’ ou ‘Sabedoria Divina’. O que hoje chamamos Teosofia é o que devemos ser capazes de compreender com os nossos padrões de pensamento ocidentais. Blavatsky dá assim uma apresentação mais profunda de

Teosofia ao Ocidente, e também à Índia, que não a recebeu antes.

O principal princípio que Blavatsky introduz é: “tudo está vivo, tudo é consciência”. Um pensamento revolucionário de 1875, quando as pessoas no Ocidente consideravam a matéria como matéria morta. Um químico ainda pode usar átomos e moléculas para desencadear algumas reacções, mas é aí que termina, é a crença. Outro pensamento que ela traz é: “toda a vida é uma só”. A fraternidade é um facto da vida na Natureza. Os seres humanos são seres espirituais, fundamentalmente iguais; eles são essencialmente consciência. Este pensamento já é difícil de entender para muitas pessoas agora, mas no tempo de Blavatsky é completamente desafiante. A escravatura ainda nem sequer tinha sido abolida em todo o lado até então, e a discriminação e a desigualdade racial ainda estavam presentes em todo o lado. Por exemplo, um inglês na Índia está feliz com os seus servos, mas não pode imaginar que também possam estar no mesmo grupo de estudo teosófico que ele.

Blavatsky dá especialmente insights muito mais profundos sobre religião e filosofia, com explicações claras dos textos originais do Antigo e do Novo Testamento, do Livro Egípcio dos Mortos e das escrituras gregas. Ela também colabora com o especialista neste campo, o Dr. Alexander Wilder, para este fim.

Blavatsky mostra que não o corpo, mas a consciência subjacente é o verdadeiro ser humano – e é aí que o foco deve estar. Para começar, ela sustenta todo o pensamento teosófico em *A Doutrina Secreta* com três Proposições, resumidas como:

1. A Ilimitabilidade e infinidade.
2. O movimento cíclico: o aparecimento e desaparecimento periódico dos Universos.
3. A igualdade fundamental de cada ser com o ilimitado; a peregrinação de encarnações de acordo com a lei cíclica e kármica.⁽¹⁾

Para mostrar às pessoas nessa altura que somos mais do que um corpo, ela mostra fenómenos de natureza não material. Fenómenos considerados impossíveis, especialmente no Ocidente. Por exemplo, ela tem um anel que veste sempre, do qual faz um duplicado e segura na mão de uma vez. Este é indistinguível do original.

Diferenças nas partes interessadas

O desempenho de Blavatsky produz quatro tipos de pessoas interessadas. Há os “caçadores de fenómenos”, há

quem tem interesse geral, depois os profissionais e semi-especialistas – incluindo os Espiritualistas e Espíritas – e finalmente os inovadores verdadeiramente inspirados da sociedade, que estão dispostos a trabalhar com Blavatsky. Os caçadores de fenómenos consideram particularmente interessante como fazer – por exemplo – um duplicado de um anel, ou como fazer tocar sinos que não se consegue ver. Blavatsky é convidado por todos os tipos de sociedades proeminentes, na esperança de que ela mostre alguns fenómenos divertidos: Blavatsky como mágico. Mas estas são pessoas que não compreendem de todo o seu método, nomeadamente que os fenómenos se destinam apenas a substanciar os ensinamentos que ela traz. Se se assumir que “tudo está vivo, tudo é consciência”, a própria consciência de cada um pode impulsionar outras consciências. Assim, a força coesiva dos átomos pode ser influenciada, que é o que acontece, por exemplo, com os átomos de carbono no ar quando as cartas aparecem.⁽²⁾ Vemos também o fenómeno da contracção dos átomos de carbono a ocorrer hoje em dia em cada fotocopiadora. O princípio é o mesmo, mas por forças geradas electromagneticamente, em vez de energia humana. Mas para estas pessoas, apenas os fenómenos são interessantes, não a questão das explicações subjacentes.

Entre os de interesse geral estão muitos que pouco ou nada compreendem sobre as capacidades de Blavatsky, tais como citações de livros que se encontram em bibliotecas num lugar do mundo longe de onde ela estava. Mas o contacto com ela leva-os a acreditar que a Teosofia demonstra as limitações do que a religião, a filosofia e a ciência tinham a dizer sobre a vida naquela época. Estas pessoas procuram uma maior compreensão e depois fazem perguntas sobre como estes fenómenos podem surgir.

Espiritualistas e Espíritas

A limitação demonstrada das concepções estabelecidas de vida evoca também muita resistência. Assim, embora haja entre os profissionais e semi-especialistas com formação religiosa, filosófica ou científica que estão dispostos a rever as suas opiniões, uma grande parte fica frustrada com a denúncia de Blavatsky da sua suposta perícia.

Assim, há os Espiritualistas: cientistas e semi-cientistas, cuja tarefa é investigar fenómenos não-materiais. Eles não assumem a consciência ou reencarnação. William Crookes é um deles que adopta uma abordagem mais aberta ao princípio da consciência e, portanto, procede sem grandes preconceitos. Ele mostra que a electricidade tem muitas outras possibilidades e é mais tarde o

descobridor do radiómetro e dos chamados tubos Crookes. Ele tornar-se-á também membro da Sociedade Teosófica. A sua pesquisa sobre descargas eléctricas em tubos de vácuo que produzem fenómenos de luz é inspirada pelos seus contactos com Blavatsky. Ele é rico e pode, portanto, realizar trabalho científico independente no seu próprio laboratório. Como um respeitado cientista e *Fellow da Royal Society*, ele investiga um fenómeno de levitação a pedido desta Sociedade na Escócia: uma pessoa pode fazer flutuar objectos sem os tocar fisicamente. Quando Crookes escreve no seu relatório: “Meus senhores, penso que ainda temos de chegar à conclusão de que existem forças que ainda não conhecemos”, é expulso da Ordem.⁽³⁾ Depois há os espíritas. Eles fazem sessões e estão obcecados com a comunicação com os espíritos. Este é também mais ou menos o caso dos Shakers, ou dos Quakers agitadores. Durante os seus cultos, eles podem tornar-se bastante extasiados. Há Quakers que transmitem mensagens que atribuem às consciências superiores e também algumas à participação de Deus.

Quando Blavatsky recebe instruções do seu Mestre para explicar a estes espíritas e agitadores o que está realmente a acontecer nos domínios da consciência a este respeito, ela cumpre naturalmente. Mas ela também diz que, a partir daí, terá verdadeiros inimigos. A sua explicação de que não fala com pessoas mortas, mas no máximo com as suas partes inferiores como o corpo de desejo, a parte *kāma*, no plano astral – uma borra que também se irá decompor – cai muito mal com eles. Os espíritas, em particular, estão então empenhados em demonstrar posteriormente que o que Blavatsky lhes diz é fake, disparates e fraudes. Isto leva a grandes tragédias imediatamente e também mais tarde.

Trabalho com inovadores inspirados

Felizmente, há também um grupo de inovadores verdadeiramente inspirados quem Blavatsky consegue reunir à sua volta. Eles provocam muitas mudanças sociais e estão também envolvidos na criação da *Sociedade Teosófica* em 1875. Por exemplo, estes colaboradores ajudam a publicar *Isis Sem Véu*, o primeiro grande trabalho de Blavatsky de 1877. Este é um trabalho enorme: ela escreve tudo à mão, os textos do trabalho volumoso têm de ser arranjados, e as provas lidas e corrigidas. A primeira edição de mil exemplares esgotou em dez dias e a obra ainda hoje está disponível.⁽⁴⁾

Com a publicação da *Isis Sem Véu* a discussão sobre o seu conteúdo está a chegar a um ponto culminante. O que é

que contém – e também: o que é que não contém exatamente? Por exemplo, há a famosa afirmação de que a reencarnação da mônada astral não é possível, ou apenas por alta exceção, e não está de acordo com a natureza.⁽⁵⁾ Isto causa muita comoção, porque implica que não há reencarnação. Mas a mônada astral é a mais baixa e essa não é a parte que reencarna; isto é o *Eu (Self)* – escrito com letra maiúscula. O Eu é permanente e liga-se à manifestação em movimentos cíclicos.

Explicar tais significados mais profundos em várias publicações envolve novamente muito trabalho, e por isso está a zumbir com actividade. Por exemplo, Blavatsky também escreve artigos durante este tempo para a abolição da escravatura, para a emancipação da mulher, contra o casamento de crianças e queimaduras de viúvas na Índia, para a abolição do apartheid, para a defesa contra a colonização e para que a Índia se torne independente. Para estes últimos, os teosofistas têm feito muito trabalho; depois de Blavatsky, Annie Besant, entre outros, desempenha um papel importante neste contexto.

Assim, a difusão do conhecimento de Theosophia é iniciada e muitas iniciativas são também tomadas a nível social. As reacções na sociedade dividem-se: por um lado há entusiasmo entre as pessoas que depois esperam mais publicações de Blavatsky; por outro lado há muita resistência, especialmente por parte da igreja e das direcções científicas, por parte de pessoas que discordam completamente dela. É portanto um período difícil para a física clássica, que no final do século XIX, início do século XX, vê as velhas ideias ainda mais minadas, com, por exemplo, Henri Becquerel a estabelecer em 1896 que a matéria radiante existe. Depois o quadro inclina-se ainda mais graças a físicos como Max Planck (1900: teoria quântica) e Albert Einstein (1905, 1915: teoria especial e geral da relatividade). Einstein, de acordo com um primo seu, tinha sempre uma cópia de *A Doutrina Secreta* na sua secretária. Blavatsky encontra assim muita resistência, mas como o Mestre também diz – digo isto brevemente nas minhas próprias palavras: Poucos mensageiros foram recebidos de braços abertos. Nem mesmo o Buddha.

H.P. Blavatsky como Tulku

A maioria das suspeitas em relação a Helena P. Blavatsky surgem porque as pessoas compreendem pouco do que ela traz aos ensinamentos teosóficos e absolutamente nada dos ‘fenómenos’ que sustentam as suas explicações sobre os mundos não-materiais. Como funcionam estes ‘truques’, o que está por detrás deles, quais são estas for-

ças que não conhecemos? Para compreender algo de Blavatsky e do seu trabalho, teremos de chegar ao fundo de alguns dos ensinamentos que ela traz. E isto começa com o conceito de Tulku: H.P. Blavatsky como Tulku. Na literatura de Blavatsky, vemos que por vezes ela não assina com Blavatsky ou H.P. Blavatsky ou Helena Petrovna Blavatsky, mas com a abreviatura H.P.B. Este é o seu nome Tulku. Isto significa que quando ela usa este nome, ela está num estado diferente, e não é a pessoa Blavatsky, mas um ser, um Mestre, que a ofusca e assim trabalha através dela.

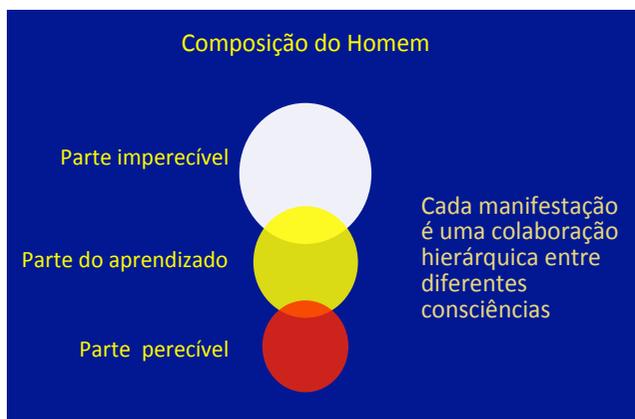
O termo Tulku – a terminologia hindu fala de *Āveśa* – conhecemos no mundo ocidental principalmente da tradição budista tibetana. No budismo tibetano Mahāyāna, o termo Tulku é usado na sucessão de grandes e importantes Lamas como o Dalai Lama e o Panchen Lama. No entanto, porque a dada altura as pessoas se apropriam indevidamente desse estatuto, embora não sendo do nível espiritual correspondente, o Dalai Lama elimina o termo Tulku do budismo tibetano. Mas o princípio é mais comum na prática e pode funcionar.

Cooperação especial

A Theosophia ensina que os seres humanos, como cada ser, são uma colaboração hierárquica de diferentes qualidades de consciência. A ideia central na compreensão de Tulku é que certos aspectos da consciência de um ser humano podem cooperar com as qualidades de consciência de um ser superior. Para ver como isto funciona, primeiro olhamos para a natureza composta do ser humano. Na imagem esquerda na página seguinte, que o acompanha, vemos um ser humano representado como três círculos colocados verticalmente, três focos que trabalham em estreita colaboração. Cada ponto focal é uma mônada, um centro de consciência. À esquerda, estão os nomes desses focos. O ponto focal mais alto é a parte imperecível, a nossa parte mais interior core, aquilo a que chamamos a mônada espiritual *Ātmico*. O ponto focal médio é a parte de aprendizagem, também chamada de parte intermédia. Esta parte em desenvolvimento é aquilo a que chamamos *Manas*, ou o *pensador*. O ponto focal inferior é a parte transitória, que contém as *energias* que utilizamos para expressar tudo no domínio externo (*Kāma* e *Prāna*), e também o físico, o nosso veículo.

Na imagem à direita, vemos dois trigêmeos lado a lado. Estes representam dois seres. O primeiro trigêmeo aqui é de um Mahātma, um ser avançado chamado H.P.B.

O segundo trigêmeo é de um ser humano puro como



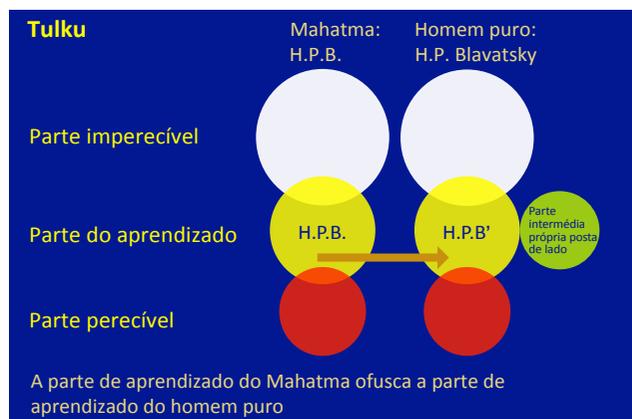
H.P. Blavatsky. Vemos aqui como a parte de aprendizagem do Mahâtma ofusca a parte de aprendizagem do humano Blavatsky. Por outras palavras, a parte intermédia de H.P. Blavatsky ‘abre caminho’ em favor da parte intermédia do Mestre. Assim, duas consciências diferentes, dois seres de qualidade diferente, interagem. O ser superior, o Mahâtma, ofusca o ser inferior.

Esta forma de cooperação, Blavatsky aprendeu durante a sua formação no Tibete. No momento em que foi ofuscada por H.P.B., Blavatsky é o instrumento externo para exprimir, escrever ou narrar a inspiração e os conhecimentos que recebe. E por isso trabalha com os textos que ela recebe para os seus deveres literários, tais como *Isis Sem Véu* e *A Doutrina Secreta*, e assim por diante. Para além do Mahâtma H.P.B., Mestre Koot Hoomi, Mestre Morya e ainda outros Mestres usam-na com a mesma técnica.

Só podemos compreender esta forma de cooperação entre diferentes qualidades de consciência se conseguirmos imaginar a natureza composta do homem e as características dessas partes individuais. Não pode ser explicado ou compreendido com base no pensamento materialista. Mesmo as muitas pessoas interessadas à sua volta não conseguiam compreender isto, e esta falta de compreensão tornou-se a maior fonte de suspeitas contra Blavatsky. Por exemplo, um visitante a viu escrevendo intensivamente na sua secretária, sem compreender que ela está actualmente ligada à fonte de onde veio esse conhecimento. Seus funcionários leais sabiam disto e escreviam nas suas observações que viam o Blavatsky exterior presente, mas também sabiam que outro ser está a trabalhar lá.

Consequências

Que esta forma de cooperação tem importantes consequências éticas e morais é óbvio. Blavatsky deve contar inteiramente com aqueles que ofuscam o seu intermediário para o fim para o qual se disponibilizou. E para esse fim



ela esforça-se, até ao seu último suspiro em 1891. Todos estes anos de trabalho para a humanidade envolvem um grande esforço e exigem muita energia da sua parte. Consequentemente, por vezes, ela adoece. As imputações e acusações de todo o tipo também lhe colocam uma grande tensão mental.

No esplêndido tomo ético de Blavatsky *A Voz do Silêncio* encontramos uma indicação peculiar e atípica da sua cooperação com outras consciências altamente desenvolvidas. Na sua própria cópia ela escreve a dedicatória: “H.P.B. a H.P. Blavatsky sem qualquer consideração gentil”. Ao fazê-lo, ela indica que este raro livrinho poético vem directamente de um dos Mestres.

O modus operandi de Tulku e Avatâras é também descrito por Blavatsky no seu artigo sobre a vida do Buddha.⁽⁶⁾ O Dr. G. de Purucker, o quarto Líder de *The Theosophical Society Point Loma*, também explica esse princípio de uma forma muito estruturada no *Esoteric Teachings*, volume 10.⁽⁷⁾ Assim, Blavatsky trabalha não só com fiéis teosofistas, mas também com Mestres, membros da Loja de Sabedoria e Compaixão – um conceito ao qual voltarei mais tarde – e os seus discípulos. Ela encarna, portanto, aquilo a que poderíamos chamar uma recepção central de conhecimento e instrução vital para a disseminação de Teosofia nesse período. Um pensamento muito importante à luz do impulso teosófico de longo prazo que está a ser dado nessa altura. Ainda hoje vemos o princípio de Tulku. Chamo a estas ‘formas leves’ de Tulku – a influência do pensamento de outra pessoa. Lamento dizer que os exemplos disto na nossa sociedade são todos negativos: há muito abuso deste princípio, consciente ou inconscientemente. Pensadores poderosos por vezes ensombram outros no seu pensamento a tal ponto, sem o seu consentimento, que na realidade já não são capazes de pensar de forma independente. Perdem então – talvez temporariamente – a capacidade e o incentivo para olhar consciente e criticamente para os seus próprios

pensamentos. Durante o recente simpósio *Pesquisa Independente da Verdade* prestamos grande atenção ao pensamento independente consciente.⁽⁸⁾

Lidar com o ocultismo

Além de uma apresentação mais profunda da *Theosophia* é também um objectivo de H.P. Blavatsky, como ela própria diz, encorajar o ocultismo. Agora o ocultismo não significa mais do que “a ciência das coisas ocultas”, mas Blavatsky dá-lhe claramente um significado muito mais profundo. Conhecer essas coisas escondidas não é isento de riscos; há uma responsabilidade moral e ética ligada a qualquer posse de conhecimento. “O ocultismo como regra é uma arma perigosa e de dois gumes para quem não está preparado para lhe dedicar toda a sua vida”.⁽⁹⁾ Ela quis dizer com isto que um pouco de lidar com forças ocultas não funciona. Ou aceita plenamente a disciplina que vem com ela para que também goze de protecção, ou não se envolve com ela. Um pouco de envolvimento com ela não é sensato.

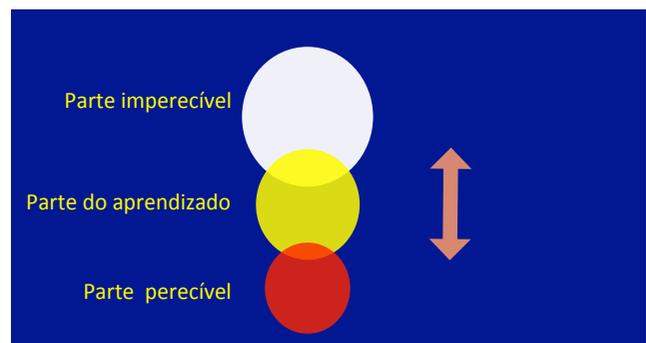
Por outro lado, ela define o verdadeiro ocultismo como altruísmo, a grande negação do Eu, a partir do princípio de que o Divino está escondido: transcendente, mas imanente. Não o vemos, mas ele está lá, presente em cada ser vivo e funcionando em segundo plano. E quando questionada muito cedo sobre como o ocultismo se relaciona com o espiritualismo, ela estabelece que isto é algo como infinito versus finitude – ou por outras palavras, que essa relação é totalmente incalculável.⁽¹⁰⁾

1888

Com a fundação da *Escola Esotérica* e a publicação de *A Doutrina Secreta*, 1888 tornou-se um ano crucial para H.P. Blavatsky e a Sociedade Teosófica. Logo após a publicação de *Isis Sem Véu* em 1877, Blavatsky começa a trabalhar a ideia de um relato mais desenvolvido e completo da evolução cósmica e humana. Isto resulta vários anos mais tarde (1885) no Documento de Würzburg, com o nome do local onde Blavatsky então reside. No entanto, este impulso para *A Doutrina Secreta* de mais de trezentas páginas não recebe a aprovação dos Mestres e Blavatsky tem de começar praticamente do zero. Finalmente, em 1888, *A Doutrina Secreta* é publicado (Vol. I: *Cosmogênese* e Vol. II: *Antropogênese*). Com um total de cerca de 1.500 páginas (versão original inglesa), estes dois volumes de *A Doutrina Secreta* constituem uma gigantesca fonte de informação.

A publicação não foi um processo fácil. O custo das provas, com muitas correcções, foi considerável. E depois de colaboradores como os primos Bertram e Archibald Keightley tinham lido as provas, sugeriam a Blavatsky que ela escreva uma introdução. O que pode o leitor esperar e, com as ideias centrais claramente em mente, como é que este trabalho é melhor estudado? Este será o Prólogo, que vem antes da primeira secção do livro. O leitor é certamente aconselhado a estudar primeiro este Prólogo, bem como o breve resumo sobre o núcleo de *A Doutrina Secreta* que Blavatsky dá no final desta primeira Secção. A fundação da Escola Esotérica marca um segundo marco para a Sociedade Teosófica nesse ano. Blavatsky anuncia a fundação na então revista *Lúcifer* com um apelo às partes interessadas para se candidatarem. Ela também publica o Voto contendo as regras éticas com as quais os estudantes estagiários da Escola Esotérica se comprometerão então.⁽¹¹⁾ Porquê esta organização em paralelo com a Sociedade Teosófica? Blavatsky vê que alguns membros da organização estão de qualquer forma a ter dificuldades com todas as calúnias e imputações que rodeiam a sua pessoa. E ela vê nisto a necessidade de assegurar o trabalho da Sociedade Teosófica para o futuro, com um pequeno grupo de pessoas que sempre se apoiarão mutuamente e poderão manter a organização a funcionar em tempos difíceis. Além disso, como membros da Escola Esotérica, é dada aos estudantes desta associação unida a oportunidade de fazer seus os ensinamentos esotéricos, formando assim um núcleo que pode transmitir adequadamente este conhecimento à humanidade. Como estudantes, devem também colocar a si próprios a questão fundamental: “Em que quero estar concentrado?”

Se olharmos de novo para a nossa divisão tripartida com o imperecível, a aprendizagem e a parte imperecível, vemos que nós, a partir da parte de aprendizagem, podemos escolher para o imperecível: a essência espiritual, duradoura dentro de nós, ou para a ligação com o imperecível, limitado mundo exterior. Na Escola Esotérica, o aprendente



enfrenta explicitamente essa escolha, na crescente consciência das responsabilidades kármicas que todo o conhecimento implica.

Helena P. Blavatsky como transformador espiritual

Blavatsky não é apenas, como mencionado acima, uma estação central de recepção de conhecimentos e instruções, ela é mais do que isso. Cumpre constantemente a função de *transformador espiritual*. Esta é uma descrição muito apropriada do que ela faz como receptora com esse conhecimento teosófico e instrução: a *transmissão* de tal forma que as partes interessadas ao seu nível possam retomá-la. O transformador espiritual, como um transformador comum, pode levar algo de um nível superior a um nível inferior. Contudo, só funciona se o emissor e o receptor tiverem desenvolvido uma característica mais ou menos semelhante, permitindo que o receptor entre em ressonância com o emissor e compreenda a mensagem.

Agora a sabedoria pode ser transformada, mas se perder a sua essência, degenera e deixa de ser sabedoria. Assim, para fazer justiça à sabedoria, os textos e exemplos devem ser suficientemente simples para que qualquer pessoa os capte, mas não devem aplanar e degenerar. E assim Blavatsky, como transformador espiritual, tem a tarefa de traduzir puramente uma influência espiritual mais elevada para um nível que a humanidade então e agora pode compreender. Ela é a porta de entrada para a Loja da Sabedoria e Compaixão, que tem servido a humanidade durante milhões de anos.

Loja de Sabedoria e Compaixão

A organização que conhecemos pelo termo Loja de Sabedoria e Compaixão é constituída por muitos seres humanos e seres mais avançados que trabalham em conjunto para espalhar o conhecimento de Theosophia, essa Sabedoria Divina, de tal forma que a humanidade pode aprender as suas lições sem primeiro se meter em todo o tipo de situações kármicamente dolorosas, apenas para perceber que poderiam ter sido evitadas. É também a mais antiga Fraternidade conhecida pela humanidade. Estamos a falar de um período de pelo menos 18 milhões de anos. Ela guia-nos no desenvolvimento da nossa faculdade de pensamento desde as suas fases iniciais.

A Loja da Sabedoria e da Compaixão está também na raiz das Escolas de Mistérios. Institutos onde as pessoas que se adaptaram a um desenvolvimento acelerado da sua consciência podem receber o conhecimento e treino adequados para tal, liderados por seres avançados que querem ajudar a humanidade por compaixão. Ainda conhecemos

os exemplos de tais Escolas de Mistérios do Egipto e da Grécia, bem como de outras partes do mundo.

Blavatsky, como transformador espiritual, está em contacto directo e aberto com membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Isto tem sido do conhecimento geral desde a fundação da Sociedade Teosófica: as pessoas sabem que ela está em contacto com os seus Mestres.

O contacto aberto é uma grande raridade; portanto, à luz dos dezoito milhões de anos em que a Loja tem estado activa, devemos concluir que o aparecimento de Blavatsky como uma natureza intermediária para a Loja da Sabedoria e da Compaixão não é evento qualquer. Não, Blavatsky veio como Mensageiro e Professor num momento cíclico planeado e importante. Por exemplo, existe o ciclo cósmico de 2160 anos, em que o Mensageiro anterior é Jesus, o Nazareno. Mas há muitos ciclos importantes; Blavatsky também se enquadra num ciclo maior de dez ou treze mil anos.⁽¹²⁾

Uma mensagem essencial

A história da humanidade tem uma longa linha de Professores, notável pelo facto de as suas aparências estarem espalhadas pelos continentes. No século VI antes da nossa era, por exemplo, vemos na China Lao-tse e Confúcio, na Grécia Platão, Parmenides e Empédocles, no Irão Zaratustra e na Índia Mahavira e Gautama o Buddha. Todos eles trazem – e isto é essencial – a *mesma* mensagem, a mensagem que Blavatsky também traz a partir de 1875. Cada período de tempo tem, assim, o seu Professor.

Blavatsky publica em inglês e a sua língua, a sua escolha de palavras e seu simbolismo é considerada como sendo compreendida pelo povo da sua época. Professores como Platão e Confúcio fazem o mesmo em a língua deles, no época deles e na cultura deles. Portanto, é importante que a essência da mensagem que todos estes Professores trazem *seja* a mesma e *continue ser* a mesma.

Este é o desafio que Blavatsky enfrenta, e que nós também enfrentamos. Com a tradução após tradução de diferentes culturas, nem sempre há uma transmissão pura e muito conhecimento é perdido. Apesar de muito conhecimento ainda poder ser encontrado nas antigas escrituras após sucessivas traduções, temos de notar que o legado de mensageiros como Jesus o Nazareno e Lao-tse degenerou ao longo dos séculos. Algumas pessoas usam-no para fins pessoais e manipulam os seus semelhantes com ele.

Blavatsky vem portanto não só como Mensageiro para expressar a Sabedoria universal dos Deuses na língua (ocidental) da época, mas também para a tornar novamente disponível em toda a pureza.

A Doutrina Secreta

H.P. Blavatsky publica uma vasta quantidade de conhecimentos: o seu legado literário é enorme. *A Doutrina Secreta*, a sua obra-prima, sai em dois volumes. O subtítulo lê-se: *O Sentisse de Ciência, Religião e Filosofia*. Volume I trata de Cosmogênese, ou ‘A Origem do Cosmos’, a Parte II com Antropogênese, ou ‘A Origem do Homem’. No seu prefácio, Blavatsky escreve que estes volumes não concretizam o plano de trabalho completo. Se os volumes forem recebidos favoravelmente, o resto seguir-se-á: “O terceiro volume está completamente terminado, o quarto quase”. Estes volumes são para lidar com o misticismo e a ética. As Partes III e IV, contudo, não são publicadas – levando a muita especulação após a sua morte em 1891. Boris de Zirkoff, o compilador do *H.P. Blavatsky Collected Writings, (Escritos Compilados)* publicou no volume XIV o material encontrado na sua secretária após a morte de Blavatsky. Contudo, isso não contém o conteúdo dos volumes III e IV, possivelmente alguns artigos. O conteúdo de *A Doutrina Secreta* levanta muitas questões mesmo entre os colaboradores fiéis. Em 1889, portanto, há noites de estudo para eles na casa de Londres onde Blavatsky está hospedado. Nessas reuniões, ela responde a muitas dessas perguntas; um registo das conversas resulta na publicação de *The Secret Doctrine Commentaries (Comentários sobre A Doutrina Secreta)* em 2010.⁽¹³⁾

No entanto, até Blavatsky tem por vezes de procurar a redacção certa, diz ela própria em *A Doutrina Secreta*. Em várias páginas, ela própria se desculpa por ter de usar algumas palavras para descrever algo para o qual as línguas ocidentais não têm termos. Ela volta então às anteriores ‘encarnações’ de Teosofia, tais como o Antigo Testamento, o Livro Egípcio dos Mortos, partes da literatura hindu, Lao-tse, e assim por diante. No seu conjunto, os ensinamentos que se tornaram disponíveis para a humanidade a partir de 1875 representam o próximo período de cerca de dez mil anos. Portanto, isto representa uma série de encarnações. É por isso que a Teosofia se encontra agora num impasse? Não, certamente que não.

A fita à volta do ramo de flores

Blavatsky é o exemplo vivo de alguém que sacrifica inteiramente a sua vida por compaixão para com os seus semelhantes. O trabalho é um pesado fardo físico para ela, mas a resistência às suas acções também pesa muito. No entanto, ela sorri para a calúnia “com desprezo silencioso”. Em vez disso, ela sabe como usar acusações sérias para mostrar qual é a sua posição. Quando é acusada de inventar coisas

por ela própria, a sua primeira reacção é sempre: “Isso é um elogio demasiado grande, eu não teria sido absolutamente capaz de o fazer, não sou mais do que a fita à volta do ramo de flores”. O seu prefácio para *A Doutrina Secreta* começa com: “A autora deste livro ou melhor, ela que o escreveu – ...” Nesta posição de intérprete, ela assume total responsabilidade pelo seu trabalho, pelo que pretende dizer: Tentei o melhor que pude para tornar compreensível para este mundo aquilo que me foi entregue neste momento.

Um incrível impulso

Sou extremamente grata pelo tremendo esforço de H.P. Blavatsky como Mensageira. As responsabilidades kármicas que ela assume são muito numerosas. É também uma honra para ela servir como Mensageira: os Mestres têm procurado há mais de cem anos alguém adequado para agir com esta tarefa como representante da Loja de Sabedoria e Compaixão. A Theosophia nunca é articulada em tal profundidade e detalhe como nas publicações de Blavatsky. O conhecimento mantido em segredo durante muitos séculos, talvez milhões de anos, está agora disponível. O ímpeto espiritual de H.P. Blavatsky é impressionante.

Podemos perguntar: será que o ano 1875 foi desenvolvido a ponto de a humanidade estar pronta para isso? Ou será que a humanidade se encontra então numa situação tão crítica que o impulso é necessário? Será a segurança, a protecção do conhecimento espiritual talvez no facto de muitas pessoas ainda hoje não terem o discernimento para compreender e aplicar a Sabedoria contida em todo esse conhecimento?

Assim, essa protecção está na nossa própria limitação. Isso não soa a elogio, mas cabe a nós próprios trabalhar no nosso desenvolvimento espiritual. Podemos, contudo, perguntar-nos se o trabalho da Loja de Sabedoria e Compaixão continua mesmo no nosso tempo, se o impulso de H.P. Blavatsky ainda está a funcionar.

Estou convencido de que ainda hoje estamos a receber o apoio da Loja de Sabedoria e Compaixão. Não no sentido em que ocasionalmente é entregue um livro com o qual tenho de fazer algo, mas a inspiração pode ser recebida de diferentes maneiras. E também não quero dizer que sou o único a fazê-lo.

Vivemos numa época dinâmica e interessante, assim como o Movimento Teosófico. Depois de 1891, A Sociedade Teosófica passou por um período de muitas tensões. Isto levou a uma cisão em 1896, criando duas organizações: por um lado, *The Theosophical Society Adyar* e por outro, *The Theosophical Society New York*, que mais tarde será

chamada *The Theosophical Society Point Loma*. Só posso falar sobre o movimento que represento: The Theosophical Society Point Loma. E vejo em todo o tipo de actividades e desenvolvimentos muitos exemplos do apoio que a Loja de Sabedoria e Compaixão continua a dar.

Com os ensinamentos que Blavatsky nos dá, com todos os antigos e novos pensamentos e explicações universais de como viver Teosofia, a Teosofia é agora também uma fonte activa de conhecimento e sabedoria. Mais e mais profunda do que nunca, com todas as referências necessárias aos Mensageiros anteriores. A condição para permanecer activa e continuar a crescer, no entanto, é que todas as novas formas em que a Teosofia é publicada permaneçam baseadas nos mesmos princípios antigos e universais.

Relações kármicas

Finalmente, algo sobre as consequências kármicas de tudo isto. H.P. Blavatsky, como mencionado acima, experimentava grandes e numerosas consequências kármicas pessoais de como cumpriu a sua função como Mensageiro. Os seus Professores não a ajudam directamente nisto, talvez dando conselhos cautelosos aqui e ali. Portanto, ela também está ligada às consequências kármicas da Sociedade Teosófica que fundou e de tudo o que dela resulta. Este karma pessoal que ela própria tem de resolver. Tudo o que ela causa no plano pessoal nesta vida e em vidas anteriores, ela também terá de se corrigir e melhorar a si própria. Só com a organizacional karma é que ela cebe ajuda dos seus Professores em várias frentes.

Isto funciona exactamente da mesma forma para nós. Também nós enfrentamos o nosso próprio karma *pessoal* para resolver. Outra pessoa não o pode fazer por nós, não é transferível.

Mas se nos ligarmos a uma organização e todos os tipos de desafios nos esperam lá, podemos esperar alguma inspiração de vez em quando para compreender como fazer as coisas melhor. E por isso podemos perguntar: tive uma boa ideia hoje, de onde veio isso? O que é que a personalidade reconhece como uma fonte de inspiração?

“O verdadeiro ocultismo é a destruição da falsa ideia de Eu, e portanto a verdadeira perfeição e conhecimento espiritual não são senão a completa identificação do nosso ‘Eu’ finito com o Grande TODO.” – H.P. Blavatsky.⁽¹⁴⁾

Referências

1. H.P. Blavatsky, *The Secret Doctrine, (A Doutrina Secreta)*. Volume 1. pp. 14-18, edição original em inglês.
2. S. Cranston, *A extraordinária vida e influência de Helena Blavatsky*. Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 1993, pp. 172-173.
3. W. Crookes, ‘Notes of Seances with D.D. Home’, PSPR, Volume XV, (1889), pp. 107-108, 116. Veja também: https://theosophy.wiki/en/William_Crookes.
4. Ver: [https://theosophy.wiki/en/Isis_Unveiled_\(livro\)](https://theosophy.wiki/en/Isis_Unveiled_(livro)).
5. H.P. Blavatsky, *Isis Unveiled (Isis Sem Véu)*. Múltiplas edições, Vol. I, p. 351 (paginação original em inglês).
6. H.P. Blavatsky, ‘The Mystery of the Buddha’ (O Mistério de Buddha). Em: *Blavatsky Collected Writings, Volume XIV*, Wheaton, The Theosophical Publishing House, 1980, pp. 388-399.
7. G. de Purucker, *Esoteric Teachings* 10, ‘The Hierarchy of Compassion’. The Hague, Fundação I.S.I.S., 2015. (Há uma tradução portuguesa, disponível na Fundação I.S.I.S.)
8. Simpósio 2022: procura independente da verdade, *Lúcifer, o Portador da Luz*, no. 2, Julho 2022).
9. H.P. Blavatsky, ‘Algumas perguntas a HIRAF’. Artigo em: *Cientista Espiritual*, volume 2, 15 e 22 de julho de 1875, número 19, pp. 217-218, 224, 236-7. Também incluído em: *Blavatsky Collected Writings, Volume I*. The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1980, pp. 101-119 (a citação está em. 101).
10. H.P. Blavatsky, ‘Ocultismos versus artes ocultas’. Artigo em: *Lucifer*, Volume II, Maio de 1888, no. 9, pp. 173-181. Também incluído em: *Blavatsky Collected Writings, Volume I*. Wheaton, The Theosophical Publishing House, 1980, pp. 249-261 (a citação é em. 254).
11. H.P. Blavatsky, ‘The meaning of a pledge’ (O significado de um juramento). Artigo in: *Lucifer, Volume III*, Setembro de 1888, no. 13, p. 63-67. Incluído em: *Blavatsky Collected Writings, Volume XII*, The Theosophical Publishing House, Wheaton, 1980, pp. 506-511.
12. Ver: G. de Purucker, *Esoteric Teachings* 2, Haia, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 142.
13. Os textos originais podem ser descarregados a partir de: <https://blavatsky-house.org/reading/helena-petrovna-blavatsky/>. (Botão: ‘English’) *Comentários sobre A Doutrina Secreta*, Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa 2020.
14. H.P. Blavatsky, ‘Consultas Teosóficas’. Artigo in: *Lucifer, Volume IV*, Março de 1889, no. 19, p. 87-88. Incluído em: *Blavatsky Collected Writings Volume XI*, Wheaton, The Theosophical Publishing House, 1980, p. 103-106 (a citação esta na página 105).

Uma lista restrita da literatura

Muito tem sido escrito sobre a vida e obra de H.P. Blavatsky. A sua própria produção de livros e artigos é extraordinariamente extensa. Contudo, os títulos desta lista restrita da literatura já oferecem ao leitor uma riqueza de informação. Para os títulos listados e mais, ver The Theosophical Society Point Loma Blavatskyhouse website: blavatskyhouse.org.

Sobre H.P. Blavatsky

- Sylvia Cranston, *A extraordinária vida e influência de Helena Blavatsky – Fundadora do Movimento Teosófico moderno*
- Charles Ryan, *H.P. Blavatsky e o Movimento Teosófico*
- Geoffrey Barborika, *H.P. Blavatsky, Tibete e Tulku*

De H.P. Blavatsky

- *Isis Sem Véu*
- *A Chave da Teosofia*
- *A Doutrina Secreta*
- *The Voice of Silence*
- *H.P. Blavatsky, Collected Writings* (15 volumes, compilação Boris de Zirkoff)

Utopia

Será que a terra feliz existe?



Capa do livro *Utopia* de Thomas More. Edição de 1516.

Pensamentos-chave

- » Desde tempos imemoriais, seres humanos formaram ideais de uma sociedade harmoniosa.
- » Graças ao conhecimento mais profundo do Cosmos e do Homem, sabemos que estas Utopias podem ser realizadas.
- » Pensar num mundo ideal é muito inspirador.

Ao longo dos séculos, as pessoas têm inventado histórias sobre Utopias: países ideais, onde as pessoas são felizes. Será que não passam de castelos no ar? Ou será que as utopias podem ser úteis para o desenvolvimento da humanidade?

Por mais difícil, injusto e quase sem esperança que seja o estado da humanidade, nada mais natural do que pintar um quadro de como as coisas poderiam ser. Embora alguns acreditem que contemplar um mundo ideal é um sonho irrealista e uma perda de tempo, sem esse idealismo, o homem cairia num estado letárgico de consciência. Murcharíamos. O crescimento em conhecimento e sabedoria deixaria de existir. Apenas vegetaríamos e afundar-nos-íamos num estado de consciência quase animal. Sem Utopia, não há esperança, não há crescimento.

O que é a Utopia?

A palavra “Utopia” foi cunhada por Thomas More, filósofo e escritor do século XVI. Era o título de um livro em que descrevia um país imaginário. (Ver abaixo.) A palavra em si é uma amálgama do latim: *ou-topos*, um lugar inexistente e *eu-topos*, um lugar de felicidade. No discurso, a palavra “utopia” assumiu o significado de um ideal inatingível. Mas será que a utopia não pode ser “descoberta”? Será que ela não existe? É uma quimera?

Quantas vezes os jovens com ideais brilhantes são “chamados à ordem” por pessoas mais velhas que lhes dizem que não devem acreditar em “ilusões”? Assim, os ideais são equiparados a ilusões.

No entanto, atrevemo-nos a dizer que o que pode ser pensado também pode ser realizado. A ignorância do que uma pessoa realmente é faz-nos pensar que não podemos realizar ideais elevados.

Imaginação

Todos os dias, a consciência humana está concentrada nas coisas normais. Os milhares de pensamentos que temos relacionam-se sobretudo com o que é necessário na nossa vida quotidiana. “A que horas parte o comboio?” “Esta fazendo as compras?” “Tenho de me despachar porque o meu programa de televisão preferido está quase começando.” Este tipo de pensamento utiliza aquilo a que chamamos o nosso cérebro-mente. É o pensamento frequentemente inquieto, centrado no mundo exterior. Não é mau em si mesmo, mas não dá uma visão nem

penetra profundamente no fundo de todas as coisas e acontecimentos. Não é criativo e nunca pensará numa Utopia.

Mas toda a gente também tem, por vezes, pensamentos relacionados com algo que ainda não existe *no mundo exterior*: uma visão do futuro, um ideal. Um ideal é uma imagem pensada que ainda não se tornou realidade e que só pode ser realizada no futuro. Existe, mas apenas no mundo das ideias, até agora.

Os ideais que transcendem a própria personalidade e se relacionam com grandes grupos de pessoas ou mesmo com toda a humanidade são gerados pela nossa imaginação. É uma característica do aspecto espiritual da nossa consciência, que se chama *buddhi*. Buddhi permite-nos ver as ligações inseparáveis entre os seres e os acontecimentos, porque com ela penetramos por detrás dos véus do mundo exterior. Então, vemos como tudo está interligado. Então compreendemos algo da estrutura interna da vida e podemos tentar moldar essa ligação interna. Assim, criamos os nossos ideais que transcendem a nossa própria vida pessoal.

É possível viver sem um ideal? Pensamos que não. Toda a gente tem de ter pensamentos, mesmo que limitados, cuja realização só pode acontecer no futuro. Muitas vezes, trata-se de ideais pessoais, como uma casa ideal, um bom emprego, um parceiro.

Poucas pessoas desenvolvem também um ideal suprapessoal. Trata-se de uma imagem futura de um bairro, de uma cidade, de um país, de um mundo em que *todos, sem qualquer tipo de distinção ou discriminação*, levam uma vida feliz e com sentido. No entanto, cada ser humano tem dentro de si a capacidade de moldar um ideal tão elevado, de acordo com a sua capacidade de pensamento. Este ideal é uma utopia: um mundo “bom” que (ainda) não existe no mundo exterior.

Vara de salto

Pode parecer estranho, mas é difícil imaginar um mundo “bom”, uma utopia. Quando o fazemos, temos tendência a usar o nosso próprio mundo como ponto de partida. Para tudo o que não satisfaz os requisitos do nosso ideal, colocamos as palavras “não”. A nossa Utopia é, então, um país onde não há guerra, não há violência, não há fosso entre ricos e pobres e não há poluição de meio ambiente. No entanto, a nossa utopia é muito mais poderosa se a formularmos de forma positiva. Nesse caso, é preciso construir imagens concretas e não basta negar as coisas indesejáveis. Isto exigirá muito mais poder da sua mente,

muito mais imaginação e inspiração, mas também será muito mais inspirador.

Nas utopias da literatura mundial, os escritores opõem-se frequentemente aos fenómenos negativos da civilização em que vivem. Também é difícil pensar sobre si próprio fora do seu próprio tempo. Afinal de contas, nascemos numa determinada época por uma razão.

Ao criar a sua própria Utopia, salta, por assim dizer, do seu próprio país ou do seu próprio nível de desenvolvimento para um país imaginário no futuro. Descola-se do mundo em que se vive. Se tivermos uma vara de salto, saltamos mais longe. E qual é a sua vara? É a sua bagagem religiosa, filosófica e científica. Quanto mais tiver pensado sobre a vida, sobre o cosmos, sobre a relação entre o homem e o cosmos, mais longa é a sua vara e maior é o seu salto imaginário. E um salto maior resulta num ideal mais elevado. Não se considera um pobre pecador, mas sabe que o pensamento e a ação positivos acabarão por conduzir a resultados.

Desde tempos imemoriais, houve pensadores que criaram a sua Utopia. Alguns tinham um pólo curto e a sua Utopia estava longe de ser perfeita. Outros basearam-se mais nas Leis Universais e a sua Utopia foi, por isso, muito mais do que justa e harmoniosa.

Ao longo de todas as épocas e sob as mais variadas formas literárias, os escritores descreveram a sua comunidade ideal. Alguns fizeram-no como uma experiência de pensamento, como se vivessem num país num futuro distante, por exemplo. Edward Bellamy fê-lo com o seu romance *Olhando para trás: 2000-1887*. Outros imaginavam-se como se tivessem descoberto uma terra feliz desconhecida. O escritor grego, Iâmbulo, do século II a.C., fez isso em *Ilhas do Sol. A Primavera da Floresta de Pêssego*, uma fábula do escritor chinês Tao Yuanming de 421, é outro exemplo. De seguida, analisamos mais detalhadamente alguns destes escritores.

Platão

Como quase todas as obras de Platão, a *Politeia* ou *O Estado*⁽¹⁾ é escrita sob a forma de um diálogo entre Sócrates e um ou mais outros. No início da obra-prima de Platão, Sócrates refuta a ideia de que a justiça não é mais do que o que é vantajoso para o homem forte. Não é preciso muito esforço para Sócrates demonstrar a incorreção desta proposição sofisticada através do jogo de perguntas e respostas. Mas, perante a insistência dos seus interlocutores, a conversa prossegue, porque eles querem saber o que é a justiça e onde está a justiça no homem.

Para o descobrir, Sócrates “alarga” o homem a um estado, porque assim é mais fácil descobrir o que é a justiça e onde ela reside. Assim começa a descrição do estado ideal. Ora, a sociedade humana, tal como Platão a descreve, passa por várias fases. Em primeiro lugar, descreve a sua sociedade ideal como um país em que todas as pessoas fazem mais ou menos o mesmo trabalho, onde não há adornos e luxos e onde prevalece a harmonia simples. De facto, esta é uma descrição dos primórdios da humanidade, quando o pensamento começava a brilhar dentro de nós. Esta sociedade simples não agrada aos interlocutores de Sócrates. Por isso, ele descreve que, à medida que as pessoas cresciam e as vontades e desejos aumentavam, a sociedade também se complicava. Era necessária uma forma de Estado.

Platão parte do princípio de que as pessoas são iguais, mas não idênticas. Existe uma diferença de desenvolvimento. Distingue três grupos de pessoas, correspondentes aos três aspectos da consciência humana. Para isso, utiliza três palavras gregas que quase não têm equivalente na nossa língua atual e que, por isso, são traduzidas de forma diferente por diferentes tradutores. Alguns traduzem esses três aspectos como: a *alma conhecedora*, a alma que *se esforça* e a *alma que deseja*. Outros traduzem por *razão*, *vontade* e *desejo*. Seja como for, a alma humana (consciência) é composta de forma hierárquica, em que os aspectos mais elevados têm maior discernimento e, portanto, devem estar “no comando” dentro de nós.

Estes três aspectos podem ser reconhecidos numa sociedade baseada nestas leis cósmicas, ou seja, podemos também encontrar esta hierarquia no seio dos seres humanos. E para que fique claro, notamos que quando falamos de mais e menos desenvolvidos, não estamos falando tanto do intelecto, mas do espiritual, do discernimento, daquilo a que Platão chama a alma conhecedora.

O grupo de pessoas menos desenvolvido é o dos trabalhadores. Correspondem à alma desejante. São, de longe, o grupo mais numeroso. O grupo intermédio é designado por Platão como os *Guardiões*, os administradores e os executores das leis. Não têm privilégios nem posses. O seu dever é servir o Estado. Os melhores Guardiões tornam-se *Filósofos* e aos melhores desse grupo é dada a liderança do Estado. Não se trata de um privilégio; pelo contrário, por vezes é mesmo necessário obrigar o verdadeiro líder a desempenhar a sua função, diz Platão.

A justiça reside agora no facto de cada pessoa na sociedade, de acordo com a sua característica individual – ou seja, de acordo com o seu nível de desenvolvimento – contribuir



para a comunidade e receber da comunidade os meios para o fazer. Se cada um der o seu contributo específico, nunca há défice, cada um vive de acordo com a sua característica intrínseca e existe uma sociedade justa. Ao fazê-lo, não é que os filósofos e os guardiões tenham mais vantagens económicas do que os operários. Pelo contrário. De facto, os guardiões controlam melhor o seu desejo. Por isso, vivem em comunidade de bens, não têm família própria e possuem apenas o necessário para cumprir a sua função no conjunto. A educação que recebem é dura. Platão presta muita atenção a este facto.

Para compreender plenamente os antecedentes desta sociedade, é preciso perceber que, segundo Platão, este mundo exterior não é mais do que uma sombra, um reflexo de um mundo muito mais real. De facto, pertencemos a esse mundo invisível do qual emerge o mundo exterior. Nesse mundo de sombras, nascemos sempre para aprender as nossas lições. (No final de *A República*, Platão descreve o processo de reencarnação.) Em cada nova vida, retomamos o fio que deixámos para trás na vida anterior. É por isso que existem diferenças de desenvolvimento entre as pessoas. Não nascemos idênticos, embora no âmago do nosso ser sejamos iguais. O que temos em comum é o facto de todos nós, vivendo neste mundo de sombras, podermos desenvolver-nos cada vez mais para acabarmos por

nos elevar acima deste mundo ilusório. No estado ideal de Platão, todos podem trabalhar para sua libertação; de facto, ao darmos o nosso contributo específico, podemos encorajar-nos e inspirar-nos mutuamente para desenvolvermos uma consciência cada vez maior do *fundo* das coisas e para nos elevarmos acima da ilusão.

Por isso, a Utopia descrita por Platão oferece a *todas as* pessoas – mais ou menos desenvolvidos – as melhores condições para o crescimento da consciência. O estado ideal descrito por Platão é a melhor escola de aprendizagem para cada ser humano, precisamente porque podemos praticar a vivência do nosso próprio carácter para o todo.

Alfarábi

A *Politeia* foi o modelo para muitas utopias. Também no mundo islâmico, esta Magno Opus de Platão foi uma fonte de inspiração da qual se inspiraram muitos pensadores. Um deles foi Abu Nácer Maomé ibne Maomé Alfarábi, que viveu no século X da era cristã.

No seu livro *A Cidade Virtuosa*⁽²⁾, a influência de Platão está claramente presente, assim como a de Plotino e Aristóteles. Ao contrário de *Politeia*, este filósofo árabe toma como ponto de partida a estrutura do Universo. A origem de tudo reside naquilo a que chama a *causa da existência*, um princípio não definido, a partir do qual tudo, num processo de emanação, passa a existir. Notavelmente, ele não chama essa causa primeira de Alá, pois quase não há termos islâmicos em toda a sua filosofia. Ele constrói a sua filosofia com base no raciocínio. Talvez acreditasse que não há lugar na filosofia para a fé, o dogma e a autoridade dos outros.

De seguida, descreve o cosmos e aquilo a que chama o mundo debaixo da lua – a terra. Na terceira parte, descreve o homem e só depois descreve a cidade virtuosa. Evidentemente, Alfarábi considerou necessário deter-se longamente sobre o cosmos e o homem antes de descrever a cidade virtuosa. Com efeito, esta cidade deve reflectir as leis do cosmos.

Alfarábi compara a cidade virtuosa com o cosmos e o corpo. Em ambos existe uma hierarquia. Esta deve reflectir-se na cidade. Alfarábi classifica a hierarquia em função da posse ou não de conhecimentos filosóficos. Os mais competentes em filosofia são os responsáveis pela cidade.

Distingue ainda as cidades ignorantes, onde não se encontra a felicidade; as cidades errantes, que têm uma concepção errada da felicidade. Só a cidade com o conhecimento correto – e, portanto, com os líderes certos – conhece a verdadeira felicidade.



Alfarábi não apresenta uma elaboração exacta da cidade virtuosa. Mas a principal conclusão a retirar deste livro – por vezes difícil de ler – é que o estado (a condição) do homem – ou seja, a presença ou ausência de conhecimento filosófico sobre o cosmos e o homem – determina o carácter do estado. Só um conhecimento suficiente torna a cidade virtuosa.

Thomas More

A mais famosa descrição utópica de um país é a de Thomas More, o inglês que mencionámos no início do artigo. No seu livro *Utopia*⁽³⁾, ele faz com que um explorador português, Rafaelo Babelario, descreva um país que deve situar-se algures no hemisfério sul. Nessa altura, os conhecimentos geográficos eram ainda muito limitados, mas os leitores inteligentes, mesmo dessa época, terão sem dúvida compreendido que se trata de uma sociedade fictícia.

Na época de Thomas More, as novas ideias do Renascimento estavam começando a difundir-se, embora o coleto de forças do pensamento medieval ainda estivesse bem apertado em muitos. Anteriormente, dissemos que a vara filosófico-religiosa determina a distância do salto para a nova Utopia. E embora More fosse, certamente para o seu tempo, um pensador iluminado, estava em parte ainda preso ao seu próprio tempo. Por conseguinte, há elementos no seu estado de felicidade que nós, pessoas do século XXI, não consideraríamos certamente felizes.

Para More, tal como para Platão, a fonte do seu país ideal não reside tanto nas leis do país, mas na mentalidade das pessoas. O país tem uma espécie de estrutura federal com eleições indirectas. (Muito progressista na altura!) Existem 54 cidades-Estado independentes, cada uma chefiada por um magistrado que exerce o seu cargo durante um ano. O chefe de Estado é nomeado vitalício.

As 54 cidades estão divididas em comunidades menores, chamadas famílias. Todas estas cidades e famílias vivem em harmonia umas com as outras. Há um intercâmbio constante entre elas. Como não há propriedade privada – as casas não têm fechaduras – também há pouca inveja e competição. As pessoas comem juntas. As refeições são boas mas simples.

Há muito pouca legislação na Utopia. Por isso, não são necessários advogados. Os poucos que não cumprem o seu dever ou que causam danos são punidos de forma muito branda. Muitas vezes, apenas têm de reparar os danos.

Porque toda a gente trabalha, só é preciso trabalhar seis horas por dia. (Aqui More está a fazer uma crítica à nobreza e ao clero da Inglaterra do seu tempo, que se entregavam à preguiça). Para além disso, a sociedade é muito simples. Assemelha-se um pouco à primeira fase do Estado, tal como descrita por Platão. Todos vestem as mesmas roupas, vivem nas mesmas casas.

Embora haja trabalho pesado na terra, este é organizado de tal forma que todos têm de o fazer de poucos em poucos anos. Por isso, há muito tempo livre, que é passado sobretudo a estudar. Por exemplo, há uma palestra todas as noites. O dinheiro, o ouro e a prata não têm valor e são utilizados para objectos do quotidiano, como pratos, panelas e até para as correntes dos escravos.

Traços menos atractivos

Escravos? Sim – e este é um dos aspectos menos belos da sua Utopia para nós – havia escravos. Em comparação com a crueldade com que, por exemplo, os prisioneiros de guerra e os servos eram tratados no tempo de More, os escravos da Utopia eram tratados de forma razoavelmente humana. Ainda assim, hoje não gostaríamos de ver pessoas a fazer trabalhos forçados, acorrentadas a correntes, mesmo que fossem feitas de ouro.

Só se podia ser escravo se se tivesse feito algo de horrível ou se se tivesse sido condenado à morte numa outra cidade por ter cometido um crime. Os escravos tinham de fazer trabalhos forçados, mas mesmo assim, havia pessoas noutros países que estavam ainda em pior situação, porque os

trabalhadores de outros países queriam ser escravos na Utopia por vontade própria.

No entanto, More faz aqui um prelúdio de algo que é defendido atualmente por pensadores esclarecidos em relação aos prisioneiros. Podemos pensar na escravatura, neste contexto, como um método de reeducação para pessoas que perderam a sua bússola moral. A sua liberdade é restringida para benefício da sociedade e deles próprios. Mas se um escravo se arrepender sinceramente, descreve Thomas More, pode recuperar a sua liberdade. O soberano tinha, portanto, o direito de perdoar. O povo podia também, através de um voto, atenuar a condição dos escravos ou restituir-lhes a liberdade.

Não são apenas os escravos que diminuem o elevado estatuto da Utopia de More, pois também não estava totalmente imune à guerra. Normalmente, os utopianos tentavam fazer a paz através de artimanhas ou da oferta de ouro, mas quando não conseguiam, apesar da sua forte aversão à violência, faziam a guerra. Faziam-no apenas para defender o seu país ou o dos seus aliados.

Finalmente, uma palavra sobre a religião na Utopia. Era, sobretudo quando comparada com a intolerância do século XVI, um modelo de tolerância. O país tinha todo o tipo de religiões que diferiam de região para região e até de pessoa para pessoa. No entanto, todos acreditavam num “Deus desconhecido, eterno, incomensurável e inexplicável, incompreensível para o homem, presente em tudo, não fisicamente, mas como força criadora”. Totalmente livre para acreditar no que quisesse, no entanto, não existia. O ateísmo era proibido. Destruiria a dignidade do homem. Os ateus perderam os seus direitos civis e não lhes foi permitido praticar a sua fé publicamente.

Thomas More termina o seu livro dizendo que não podia concordar com tudo o que se passa na Utopia. Será que ele queria proteger-se aqui de possíveis críticas? Ou será que também ele não se libertava totalmente dos preconceitos do seu tempo? Já o dissemos antes: a vara determina a distância a que se salta para um futuro exaltado. No entanto, More acredita, e assim conclui o seu livro, que há muito a encontrar na Utopia “que pode servir de exemplo para a nossa parte do mundo”.

Filosofia política

Thomas More pode ter escrito ficção com o seu livro Utopia, mas é uma ficção em que se baseiam princípios lógicos e filosóficos rigorosos. O pensamento utópico não é um sonho. Não é uma fantasia. Descreve um mundo

que *poderia* existir. Incapaz de pensar completamente à parte do seu próprio tempo, a Utopia de More era também uma crítica implícita à Inglaterra do século XVI e ao rei Henrique VIII. A utopia tornou-se uma filosofia política, um projeto para uma nova sociedade. Depois de Thomas More, muitas outras obras utópicas foram escritas. O número de géneros é aparentemente inesgotável. Foram descritos géneros socialistas, capitalistas, monárquicos, democráticos e anarquistas.

Em *Nova Atlântida* (1627), Francis Bacon descreve um país em que a ciência e a tecnologia são praticadas a um nível elevado, o que conduz à prosperidade. Atualmente, podemos chamá-lo um país tecnocrático, mas para Bacon era o ideal.

Em contrapartida, a utopia de Samuel Butler rejeita toda a tecnologia. Em vez disso, no seu livro *Erewhon* (1872) – um anagrama de *nowhere* (*em lado nenhum*) – todas as máquinas são banidas da terra, após o que se segue uma época feliz.

Embora nunca tenham escrito ficção, também se pode chamar utópico a um dos fundadores do comunismo, Karl Marx. A sua utopia era a utopia comunista, em que os trabalhadores tinham o poder e o capital tinha sido abolido. Ao contrário dos escritores de ficção, Marx, bem como os seus seguidores, prestaram muita atenção à forma como essa utopia deveria ser realizada: a luta de classes.

É aí que reside um perigo mortal. Quanto mais se insiste na forma como a utopia se realiza, mais se coloca o ideal fora de si e, sem darmos por isso, estamos a utilizar métodos que são diametralmente opostos ao ideal que queremos ver realizado. Por isso, segundo Marx, o mundo novo só pode nascer com o recurso à violência, porque, dizia ele, “a violência é a parteira de todas as sociedades grávidas de uma nova sociedade”.⁽⁴⁾ A história mostrou os estados desastrosos a que isto conduz.

Finalmente, gostaríamos de lançar alguma luz sobre o notável livro de Bellamy: *Looking Backward: 2000-1887* (*Olhando para trás: 2000-1887*).⁽⁵⁾ O personagem principal, Julian West, vive no final do século 19^o, entra num sono profundo e acorda no ano 2000. Um certo Doutor Leete vive agora em sua casa. Num jogo de perguntas e respostas, fica a saber como o mundo cresceu em humanidade. A pobreza dissolveu-se, não há desigualdade, a desvantagem das mulheres deixou de existir. Além disso, as prisões foram abolidas e a Europa tornou-se uma só. Apesar de ter vivido numa época sombria, com trabalho infantil e pobreza desumana, Bellamy acreditava no ideal de uma sociedade feliz.

Efeitos das utopias

Muitas vezes é difícil determinar se as utopias foram o impulso para a mudança social. No entanto, pensamos que elas têm certamente uma influência. A sociedade constrói-se com base em ideias, e as utopias podem tornar certas ideias tão apelativas que são (parcialmente) concretizadas. Podem ser directrizes; sinais que mostram à humanidade o caminho e, por vezes, conduzem a mudanças tangíveis na sociedade.

Veja-se *a Politeia* de Platão: Embora este estado ideal nunca tenha sido plenamente realizado, teve grande influência nos mundos cristão e islâmico e foi imitado em certos aspectos, embora sempre de forma muito imperfeita.

O livro *Emílio, ou da Educação*, de Jean Jacques Rousseau, é outro exemplo. Embora não seja uma utopia, descreve uma educação utópica de um rapaz imaginário que cresce naturalmente. Este livro proporcionou um avanço no processo educativo e continua a ser um ideal a perseguir por alguns no domínio da educação.

E a descrição de Bellamy sobre o desaparecimento das fronteiras na Europa é hoje, em grande parte, uma realidade. Aliás, este escritor inspirou muitas pessoas a tentarem alcançar as mudanças das suas utopias, não através da luta de classes, mas através da cooperação. Os partidos de Bellamy estão activos até hoje.

Distopia

Quando o idealismo desaparece, o homem torna-se cínico. Passa a ver apenas a miséria no mundo e a acreditar que esse é o curso natural dos acontecimentos. A ideia geral é que só pode piorar. Surgem então as distopias. Uma distopia é o oposto de uma utopia: uma imagem de um futuro sombrio. As distopias são o resultado de um *pensamento apocalíptico*.

Uma distopia só pode surgir devido a uma visão limitada do homem. Se o cristianismo dogmático – especialmente o calvinismo – ensina que o homem está condenado ao mal, e se a ciência materialista assume que o homem não é mais do que o seu corpo, então temos poucas bases filosóficas para construir uma visão harmoniosa do mundo. Os famosos romances de George Orwell do século XX, *Animal Farm* e *1984*, pintam um quadro extremamente sombrio do futuro. *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, também descreve um futuro sombrio. É possível que tenha escrito o seu livro como um aviso do que poderia acontecer se as tendências do seu tempo (década de 1930) se mantivessem. Não sabemos se um ou outro autor quis realmente dizer que a humanidade se desenvolveria

cada vez mais na linha destes estados totalitários e das suas guerras mútuas. As suas distopias, acreditamos, inspiraram poucas pessoas. A grande diferença entre eles e alguém como, por exemplo, Bellemey, é que este último acreditava que a injustiça, a falta de liberdade e a desigualdade podiam ser resolvidas, provavelmente porque tinha uma visão mais positiva da humanidade.

Desenvolver a sua própria Utopia

A Theosophia não nega que o homem pode fazer as coisas mais cruéis, mas reconhece – e isso é muito mais importante – que o homem é capaz de amor, harmonia e justiça. Ainda muito frequentemente deixamos estas características por explorar, mas isso não retira ao homem o facto de ser essencialmente um ser nobre. Quando nos apercebemos que o nosso ser mais íntimo é uma divindade viva, então sabemos que temos todas as capacidades para criar um mundo ideal.

Por isso, o conselho da Sabedoria Antiga sempre foi e sempre será: esteja conscientes da sua grandeza e dignidade interiores. Pense nisso. E pense num mundo com pessoas que vivem na consciência da sua divindade interior. Por outras palavras, crie a sua própria Utopia. Seja criativo. Crie uma imagem mental de como é esse mundo ideal.

As utopias de criação não devem levar ao devaneio. Baseiam-se num raciocínio claro, no conhecimento do homem e do cosmos, nas leis da natureza. Uma utopia não é um refúgio, para onde se retira porque a vida quotidiana é muito difícil. Sê você próprio a mudança.

Mantenha o ideal vivo, não o molde em betão. Não o veja como um ponto final absoluto, pois podem enobrecer cada vez mais a sua Utopia. Aqueles que tentarem fazer isso, descobrirão que é uma atividade muito inspiradora e que tem um efeito benéfico no seu próprio mundo.

Cada pensamento que pensamos causa uma impressão na nossa consciência, mas também na esfera de pensamento que está dentro e à volta da Terra. Portanto, essa esfera de pensamento é composta por todos os pensamentos que já foram pensados. Não há nada de novo debaixo do sol. Quando se cria a sua Utopia, concentra-se na parte da esfera mental onde estão gravadas essas imagens ideais, nobres e baseadas na harmonia. Pense em si como uma antena, demasiadas vezes focada nos pensamentos pessoais do dia a dia. Mas podes virar a sua antena e apanhar outro “programa”: o das “Utopias”. Estas são imagens de pensamento que reflectem a harmonia de todo o Cosmos. Há seres que estão um ou mais passos mais avançados no seu desenvolvimento espiritual do que os humanos

actuais. Eles são mais sábios e vivem em completa harmonia uns com os outros. Cooperam dinamicamente uns com os outros. O que para nós é uma Utopia – o mais nobre Ideal altruísta que podemos conceber ou que alguma vez foi posto no papel por um escritor – é para eles uma *realidade*. Sim, a sua sociedade inspiradora é tão elevada que, por vezes, até as nossas Utopias se tornam insignificantes em comparação. Esses seres vivem nos reinos mais espirituais do Planeta, no que é simbolicamente chamado de Jerusalém Celeste. Eles estão constantemente ativos. A sua influência pode ser absorvida por nós. Se formos capazes de o fazer, reflectimos esta harmonia cósmica na nossa vida quotidiana.

Os grandes escritores das Utopias, como Platão e Thomas More e todos os outros que não mencionámos, apanharam pelo menos algo dessa influência. Dependendo do nosso próprio nível de desenvolvimento, ou seja, dependendo do grau de abertura do nosso olho interior, vemos muito ou pouco desse quadro de pensamento. Quanto mais nos concentramos nela, mais nítida se torna a sua visão. As pessoas não são perfeitas, portanto as suas utopias também não o são. Por isso, tenta constantemente aperfeiçoar a sua Utopia.

As utopias já existem. Existem no plano mental. Foram pensadas por grandes pensadores, Mestres da Vida, que estão muito à frente do ser humano médio em termos de desenvolvimento. Muitos povos antigos assumiram que essas terras felizes existiam na Terra e deram-lhes nomes como Shangri-La e Śambhala, como fizeram os chineses e os tibetanos. Alguns hindus ainda assumem que no topo do Monte Meru está a cidade paradisíaca de Indra. Alguns podem argumentar que isso é simbólico, mas na verdade não é importante. A consciência de que existe um mundo melhor e de que o podemos construir juntos no nosso próprio país é a força motriz para um maior desenvolvimento humano.

A utopia é o lugar “bom”. Forme esse lugar bom na sua mente e viva de acordo com os padrões do seu próprio ideal. À medida que o fizer com mais devoção, descobrirá que esse mundo ideal existe realmente.

Referências

1. Platão, *Politeia*, geralmente traduzido como *A República*. Muitas traduções.
 2. Abu Nasr Al-Farabi, *Ara Abl al-Madina al-Fadila* (“Cidade Virtuosa”). Existem traduções em inglês, francês, italiana e alemã: *On the Perfect State*, tradutor Richard Walzer, Kazi Publications, Inc.; *Traité des opinions des habitants de la cité idéale*. Paris, Vrin, 1990; *La città virtuosa*, Milano: Rizzoli, 1996; *Die Prinzipien der Ansichten der Bewohner der vortrefflichen Stadt*, Stuttgart: Reclam Verlag 2009. Neste artigo, utilizamos uma tradução holandesa de Michiel Leezenberg (Boom, Amsterdão, 2022).
 3. Thomas More escreveu Utopia em latim. O livro foi traduzido para quase todas as línguas modernas. Há várias traduções em português.
 4. Karl Marx, *O Capital* (1867) Band I, 7.
 5. *Olhando para trás: 2000-1887*. Tradução Felipe Vale da Silva. São Paulo/Londrina: Aetia Editorial, 2021.
 6. H.P. Blavatsky, *A Chave para a Teosofia*, Seção 3.
 7. *Igualdade*, [https://en.wikisource.org/wiki/Equality_\(Bellamy\)/Prefácio](https://en.wikisource.org/wiki/Equality_(Bellamy)/Prefácio). Não há tradução portuguesa.
-

O livro utópico de Edward Bellamy, *Olhando para trás: 2000-1887*, foi uma inspiração para muitos, incluindo certamente os teosofistas. Em *A Chave para a Teosofia*, Helena P. Blavatsky diz sobre esse livro:

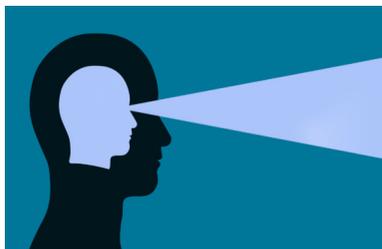
A organização da Sociedade, retratada por Edward Bellamy, na sua magnífica obra “Looking Backward”, representa admiravelmente a ideia teosófica do que deveria ser o primeiro grande passo para a plena realização da fraternidade universal. O estado de coisas que ele descreve fica aquém da perfeição, porque o egoísmo ainda existe e opera nos corações dos homens. Mas, em geral, o egoísmo e o individualismo foram superados pelo sentimento de solidariedade e fraternidade mútua; e o esquema de vida ali descrito reduz ao mínimo as causas que tendem a criar e fomentar o egoísmo.

(...)

Não ouviste falar dos clubes e partidos nacionalistas que surgiram na América desde a publicação do livro de Bellamy? Eles estão agora a aparecer de forma proeminente, e irão fazê-lo cada vez mais com o passar do tempo. Bem, estes clubes e este partido foram iniciados em primeira instância por teosofistas. Um dos primeiros, o Clube Nacionalista de Boston, Massachusetts, tem teosofistas como presidente e secretário, e a maioria dos seus executivos pertence à S.T. Na constituição de todos os seus clubes, e do partido que eles estão formando, a influência da Teosofia e da Sociedade é clara, pois todos eles tomam como base, como seu primeiro e fundamental princípio, a Fraternidade da Humanidade como ensinada pela Teosofia. Em sua declaração de Princípios, eles afirmam: – “O princípio da Fraternidade da Humanidade é uma das verdades eternas que governam o progresso do mundo nas linhas que distinguem a natureza humana da natureza bruta.” O que pode ser mais teosófico do que isto?⁽⁶⁾

Edward Bellamy, para além de: *Olhando para trás: 2000-1887*, escreveu o romance *Equality (Igualdade)*. No prefácio, escreve:

Ele (Julius West) falou-lhes do seu sonho e do que este lhe tinha ensinado sobre as possibilidades de um sistema social mais justo, mais nobre e mais sábio. Raciocinou com eles, mostrando como seria fácil, pondo de lado a loucura suicida da competição, por meio da cooperação fraterna, tornar o mundo atual tão abençoado como aquele com que tinha sonhado.⁽⁷⁾



A abordagem teosófica da nossa visão

O que é que acontece quando nós vemos? Que condições determinam a nossa visão? Discutimos este tópico a partir do conhecimento da Teosofia, porque existe um amplo interesse nesse conhecimento. O artigo é também uma resposta a uma questão importante: podemos confiar que aquilo que vemos existe na realidade? Qual é, por exemplo, o valor dos testemunhos?

Pensamentos-chave

» A visão actual tem lugar na nossa mente. Ver é ver uma imagem mental.

» Aquilo que nós vemos depende das características do estado da nossa consciência, dos nossos interesses, do nosso foco.

» O processo de ver é como segue: um raio etérico emana do nosso olho, tocando um objecto. Aquele raio etérico regressa, combinado com a radiação visível emitida por aquele objecto. O nosso olho captura este feixe combinado, o qual carrega as propriedades do objecto.

» A nossa percepção torna-se mais confiável quando nós próprios não permitimos ser arrebatados pelos nossos desejos auto centrados e impulsos instintivos.

» Perceber é uma troca de influência com outros seres. Isso envolve uma responsabilidade ética.

A descrição física do nosso olhar

A descrição convencional das ideias acerca da visão descreve apenas o lado físico. No fim de contas, é aquilo que os cientistas podem ver ou medir. Os factos são provavelmente familiares: os nossos olhos capturam luz, a qual, graças às lentes que são os nossos olhos, são projectados para a nossa retina, atrás do globo ocular. As células ópticas são sensíveis a certas frequências da luz. Estas células traduzem as partículas de luz capturadas em impulsos eléctricos com uma certa frequência. Que passam através do nervo óptico para as regiões ópticas do cérebro. Nessa altura, “elas são reunidas numa única imagem real”.

Mas como é que elas são seleccionadas e transformadas numa única imagem? Como é que estes sinais são interpretados? E por quem ou porquê? Isso é desconhecido. Afinal, a visão das imagens é uma função da consciência, e os cientistas não sabem o que é a consciência. É alguma coisa que o nosso cérebro cria ou o cérebro apenas transmite os sinais da consciência percepcionante?

Consciência, a fonte subjacente de todas as coisas

Será que somos consciência e que temos um corpo? Ou somos antes um corpo que produz consciência no nosso cérebro? Temos levantado muitas vezes esta questão na nossa revista, porque é muito importante para a nossa perspectiva da vida. Toda a Filosofia Teosófica é baseada na ideia de que a consciência é a força subjacente a todas as formas e fenómenos da Natureza.

Falando sobre os seres humanos a partir da Teosofia, portanto, a consciência humana é o âmago e a fonte do homem total. Aquele homem total que também inclui o veículo exterior, o nosso corpo físico. O nosso cérebro, tal como todos os órgãos do nosso corpo, é justamente a ferramenta por meio da qual o ser humano verdadeiro, o centro da consciência, entra em contacto com o corpo físico dentro do qual nós vivemos.

Além disso, a consciência do ser humano – ao contrário de menos ou de mais seres avançados – é tipificado pela faculdade de pensar. E por “pensar” queremos dizer formar

imagens mentais baseadas em influências e estímulos que nós recebemos. E esses estímulos são de diversas origens: de inspirações da nossa mais elevada natureza, de pensamentos e sensações dos nossos companheiros seres humanos, até às nossas percepções sensoriais. Esse processo de pensamento, que nós promovemos o tempo todo, mediante o transporte contínuo de imagens de acordo com a verdade, através das lições da vida que nós aprendemos. Nós, por consequência, vamos construindo cada vez mais uma perspectiva de compreensão da vida.

Vemos através da nossa mente

A partir destas ideias básicas, podemos deduzir o seguinte: *a visão real tem lugar através da nossa mente*. Aquilo a que nós, humanos, chamamos ver é, de facto, ver uma imagem de pensamento. A nossa mente dá conteúdo e significado a tudo o que os nossos sentidos apresentam. É a nossa mente que selecciona aquilo a que prestamos atenção. Não podemos olhar sem interpretar. William Quan Judge explica isso claramente em seu livro *O Oceano da Teosofia*.⁽¹⁾ Podemos distinguir entre olhar e ver: olhar é o que fazemos com os nossos olhos. Ver é o que fazemos com a nossa consciência humana, a nossa mente. Na Índia antiga, descreviam-no da seguinte forma: não é o olho que vê, mas aquilo que vê através do olho. E o mesmo acontece com os outros sentidos. Na nossa mente formamos uma representação do mundo exterior. Damos alguns exemplos a seguir.

Exemplos que sustentam este ensinamento

Duas pessoas podem olhar para o mesmo quadro e, mesmo assim, fazer uma descrição dele diferente. Porquê? Porque aquilo que significa para um não significa nada para o outro.

Se alguém que sempre viveu numa cidade passear por uma floresta tropical, provavelmente verá apenas “muitas árvores e insectos a zunir”. Enquanto alguém que é familiar a isso verá muito mais. Alguns verão um “carro desportivo” a rolar pela estrada, outros vêem um Ferrari SF 90 Stradale. Nós vemos o que podemos associar com o conhecimento e a experiência que já tivemos, a menos que queiramos expandir o nosso saber com as nossas capacidades de pensar.

As crianças podem olhar, mas têm que aprender através da experiência e das lições dos seus pais o significado de todas as coisas que vêem. Na verdade, isto implica lembrar, porque a criança, durante a sua infância, relembra todas as suas faculdades e conhecimentos que construiu durante vidas anteriores.

O que nós vemos também depende do nosso foco mental do momento. É por isso que muita coisa nos pode escapar. Consideremos isto. Podemos ter grande dificuldade em encontrar de volta o nosso chaveiro se a nossa imagem de busca é incorrecta. Se nós procuramos por meio de um chaveiro vermelho meio brilhante quando ele é actualmente castanho escuro podemos procurar durante muito tempo ainda que, no entanto, ele esteja diante de nós. Um exemplo revelador de que o efeito do foco pode ser achado na internet. Envolve um vídeo de pessoas a jogar basquetebol no qual nós, os visualizadores, são instruídos antecipadamente para contar quantas vezes a bola passou de um jogador para outro. Nada de especial parece que se passa. Mas, na realidade, durante o jogo, uma pessoa vestida com uma veste de urso passeia ao longo do campo de jogos. E ainda poucas pessoas vêem aquele urso, isso acontece depois.

Fontes da Sabedoria Universal

Uma questão interessante é a seguinte: se é verdade que a ciência de hoje só pode descrever o lado físico da visão, o que é então o lado mais interior do mecanismo?

Acerca disto os Professores da Sabedoria Universal, a Teosofia, dizem-nos algumas coisas nos seus escritos públicos. Temos umas poucas de fontes à nossa disposição: a descrição de Platão, no Diálogo *Timeu*.⁽²⁾ Temos também a explicação de G de Purucker, no seu livro *O Homem em Evolução*.⁽³⁾ Nesse texto, a propósito, de Purucker aponta para o que Platão diz sobre a vista era de facto pensado pelos grandes pensadores da Antiguidade. Alguns disseram um pouco mais, ou sobre de um aspecto diferente do que outros, mas em geral disseram a mesma coisa. Infelizmente, nos séculos ulteriores, aquelas teorias foram abandonadas pelos pensadores ocidentais como fantasistas, embora, factualmente, não haja nada de errado nelas.

Explicação Teosófica do processo da visão

Que explicação dão estes Mestres sobre do processo da visão? Os nossos olhos não são apenas receptores, mas também emissores de radiação. Um raio etérico é emitido pelo nosso olho. Um feixe de luz, invisível para nós, batendo num objecto. Aquele raio etérico regressa *combinado* com a radiação visível que aquele objecto emite. Ambos os feixes de luz formam, portanto, uma unidade, por assim dizer, trazendo com eles toda a espécie de informação à cerca do exterior do objecto. O nosso olho retem essa corrente combinada e passa a informação para o nosso cérebro, que a passa para a nossa mente. A nossa mente cria a imagem percebida.

Assim: para ver alguma coisa, ambos os tipos de radiação são necessários: a radiação etérica dos nossos olhos e a radiação visível das coisas à nossa volta. Se está escuro, então faltam os raios visíveis dos objectos e nós não vemos nada. Se temos olhos fisicamente limitados, então só seremos parcialmente bem sucedidos a ver.

Que coisas é que nós vemos? Isso depende do que nós irradiamos. O feixe dos nossos olhos transporta as nossas características, por isso o seu reflexo apenas pode conter aquilo que nós irradiámos. Deste modo, o estado da nossa mente determina largamente aquilo que nós vemos; a sua mente é calma e clara ou é parcial e perturbada? Esse estado determina a espécie de radiação emanada do seu olho e, portanto, o que pode retirar em termos de informação. Nós só vemos aquilo que ressoa com as nossas características. Apenas percebemos as nossas vibrações exteriores que trazem alguma coisa que está dentro de nós, em vibração.

Ver é tocar

Ver com o olho é essencialmente tocar. Platão chamou de corrente que sai e entra no olho e assim conecta o olho e o objecto um “corpo”; é uma antena sensitiva ou tentáculo, uma espécie de matéria conectiva. É como a língua de uma cobra que “vê” os seus arredores. Que indicações temos nós de que os olhos trabalham desta maneira? Por exemplo: as pessoas sensitivas percebem quando alguém olha para elas, também quando a pessoa que olha fica atrás de si. Isso é de facto uma experiência que quase todos podem ter, de vez em quando. Instintivamente, nós voltamos-nos para a pessoa que está olhando para nós.

Esta situação pode ocorrer se o nosso ouvido também envolver a combinação entre as vibrações que são enviadas e as que são recebidas, se o ouvido é também uma espécie de tacto. Partimos actualmente como uma interrogação. O que é certo é que os morcegos e os golfinhos se orientam eles próprios por meio da emissão de poderosos sons, cliques e captando ecos. Estes são, por exemplo, exemplos de audição através das emissão e da recepção. Tal como para nós, humanos, conhecemos um rapaz que era cego de ambos os olhos e ensinava-se a si próprio a orientar-se de um modo semelhante. Ele aperta alguma coisa que emite um som alto de coaxar. Os ecos deste som dão-lhe uma confiável impressão de tudo o que o rodeia. Nós também podemos fazer isto sem tal dispositivo; produz-se então um som que é uma espécie de click com a sua língua.

Qual é a fiabilidade da nossa visão ?

Todos nós sabemos: as testemunhas de um evento podem

dar descrições completamente contraditórias, que não podem ser simultaneamente verdadeiras. Isto na pressuposição de que as testemunhas são sinceras. Isto conduz-nos a este problema: *qual o grau de fiabilidade da média dos seres humanos no actual estadio de evolução?*

Muitas vezes não muito confiável, podemos concluir. A sua fiabilidade depende de várias coisas. Primeiro, as limitações do nosso instrumento físico. De toda a cadeia da lente do olho, até às células retiniais, até ao nervo óptico, até às células do cérebro. Além disso, depende da espécie de treino que recebemos. Os oficiais de polícia e os investigadores do comportamento, por exemplo, são treinados para melhor se aperceberem da factualidade e do questionamento. E, como já foi dito anteriormente, isso depende em grande medida do seu estado interior. Olhando mais tarde: será que em algum dado momento temos uma ideia clara e interessada do que está acontecendo aos nossos companheiros? Ou estamos antes agitados, dormentes ou desinteressados? Ou estamos alerta exteriormente ou antes fechámos-nos nós próprios nalguma bolha mental? Isto determina aquilo que nós vemos.

As nossas percepções tornam-se mais fiáveis à medida que o nosso pensamento se torna mais claro, mais estável e compreensivo. A nossa visão torna-se mais ou menos incolorida, se nós não estivermos tão carregados nos nossos desejos autocentrados e nos nossos impulsos instintivos. Assim, para nós, humanos, mesmo a tal pura capacidade física como seja a de “ver”, pode ainda ser evoluída para um mais elevado nível, vida após vida, trazendo o nosso pensamento para o nível da nossa natureza espiritual, do nosso âmago imortal. Se as nossas perspectivas e ideais mais altruistas ofuscam as nossas actividades, transportamos harmonia para a nossa mente. Esta harmonia reflectir-se-á ela própria na nossa natureza mais baixa, no nosso instrumento vital-astral físico. O nosso corpo, com todos os seus sentidos, será um criado obediente e confiável.

Podemos mantermo-nos calmos mesmo em situações emocionalmente explosivas, olhando à volta para achar qual o melhor contributo para essa situação. Isto pode ser comparado à situação de um médico numa sala de urgência, e que é capaz de descobrir as origens de uma pessoa ferida sangrando por todos os lados e distinguir entre as que lhe podem ou não ameaçar a vida.

Podemos ver coisas que não estão lá?

Sim, as pessoas podem “ver” coisas que não existem. Nós sempre nos pintamos a nós próprios na imagem. Todas as falsas interpretações podem entrar aí e que podem produzir o

resultado de nós vermos coisas que não estão lá no mundo físico. O que é que ocasiona isto? Isto pode ser causado pelos nossos próprios pensamentos ou desejos ansiosos – *estímulos internos* – ou por um pensamento ou emoção – *estímulos externos* – aos quais a nossa mente é receptiva.

O desejo que uma pessoa tem que qualquer coisa aconteça de uma certa maneira pode ser tão forte que a pessoa começa a acreditar que aquilo realmente aconteceu daquela maneira. “O desejo é o pai do pensamento” é um ditado cheio de significado e apelam-nos para estarmos sempre alerta para a diferença real entre um desejo e a realidade.

Alguém pode acreditar em alguma coisa porque muitos outros também o dizem... e por isso deve ser verdade. Ora, suponhamos que há um forte preconceito no seio de um certo grupo populacional. Então cada acção de alguém pertencente a esse grupo suscita desconfiança a priori e é assumido muitas vezes um comportamento negativo, mesmo quando não haja nenhuma indicação factual daquele comportamento. E o que quer que algum dos próprios membros do grupo faça é tolerado à partida. Todas estas coisas podem conduzir a grandes injustiças em relação a outros.

O poder da sugestão

Como já foi dito, podemos imaginar que vemos alguma coisa acontecer porque outras pessoas nos sugeriram isso. Quando perguntamos às pessoas o que é que elas viram, então a maneira como se pergunta é muito importante. Quando perguntamos “está surpreendido por ver...?” , ou “O que é que vê...?” No primeiro caso, ouviremos muitas vezes outras histórias e aproximamo-nos então de outras pessoas neutrais e damos-lhes a oportunidade de reconstituir os eventos por si próprias. Descobrir mais verdade, perguntando a outras pessoas, só é possível se nós próprios queremos realmente descobrir mais verdade, independentemente das nossas vistas e auto-interesses.

Falando teosoficamente, quando nós vemos qualquer coisa que não está lá no mundo mais exterior, devemos ainda considerar outra coisa: os nossos pensamentos ou os de outros. E isso dá-nos os meios de o prevenir. Através de uma observação cuidada dos nossos pensamentos. A sugestão e a auto-sugestão podem ser evitadas vigiando bem a nossa maneira de pensar, com as nossos melhores lentes éticas. Podemos então descobrir às vezes que as nossas memórias aparentemente certas descansam sobre uma base instável. E isso faz com que haja todas as razões para reexaminar todos estes eventos de novo.

Um exemplo de sugestão total

Que alguém com uma vontade poderosa pode forçar outra com uma vontade muito mais fraca a ver uma coisa não existente (fisicamente), é contado por H. Blavatsky no seu livro *Nas Grutas e nas Florestas do Hindustão*.⁽⁴⁾ Naquele livro ela falou acerca das suas experiências durante as suas viagens pela Índia, sob a forma de novela. Não podemos tomar à letra estas histórias, a sequência dos eventos e todos os detalhes, mas eles são todos baseados em factos e eventos actuais. E isso dá grande valor ao livro. Há nele, escondida, uma quantidade de sabedoria.

A história a que nos queremos referir é deste tipo. O grupo de viagem de diversão desta altura consistia em Helena Blavatsky, Henry Steel Olcott, Thakur, uma pessoa com grande sabedoria, conhecimento e autocontrolo, um grupo de outros indianos e ocidentais. Entre eles havia um inglês que não acreditava nas histórias segundo as quais uma pessoa podia levar outra a ver alguma coisa. O grupo chegou a um lago, com uma ilha no meio e montanhas a toda a volta. Uma cena bonita. O grupo deve esperar uma hora. O inglês adora desenhar e pintar, e por isso desempacota o seu cavalete para fazer um esboço da paisagem. Passou uma hora a trabalhar intensivamente, enquanto os outros, incluindo Thakur, estavam sentados a alguma distância ao lado dele. Finalmente, quando Olcott chega e olha para o que ele tinha esboçado, ficou divertido. O inglês tinha desenhado um esboço com palmeiras e uma quinta. Um dos indianos olhou também e disse que sabia o que é que o esboço retratava: era a quinta de Thakur, uma propriedade que se situava a uma grande distância do lago. Resumindo: Thakur conseguiu fazer com que o inglês (a) se esquecesse totalmente do que ele tinha visto primeiro quando ele chegou ao lago e (b) viu a paisagem marítima como se ela fosse perfeitamente real.

Acerca da unidade dos nossos sentidos

A nossa audição, o tacto, a vista, o paladar e o olfacto (e mais dois sentidos que desenvolveremos num futuro distante) são diferentes manifestações de uma e a mesma faculdade, uma faculdade a que se pode chamar “sentido de consciência”. É por isso que a operação de todos os sentidos está baseada nos mesmos princípios. Atrás já abordámos o facto de a nossa vista ter as mesmas características do nosso tacto. Mais, cada sentido expressa uma característica diferente e é activa dentro de uma faixa diferente de frequências vibracionais.⁽⁵⁾ Cada sentido transporta dentro dele a potencialidade de todos os outros sentidos. Portanto, um órgão dos sentidos pode, até certo ponto,

actuar em algumas extensões de outro órgão dos sentidos. Algumas pessoas podem ler um texto num pedaço de papel colocado na sua pele. Outros, quando ouvem música, vêem imagens que correspondem ao tipo de música; ou obtêm um certo sabor a partir de uma certa peça musical: azedo, fino, etc. Há muitos exemplos desta espécie de sinestesia. Aqueles que são cegos podem ainda receber uma impressão de um quarto onde entram – através dos seus outros sentidos e possivelmente através dos seus sentidos mais etéreos. Na literatura teosófica encontramos explicações à cerca da natureza e origem dos nossos sentidos. Durante o nosso longo desenvolvimento como seres humanos reencarnantes, temos desenvolvido os nossos sentidos um por um – embora os outros tenham estado sempre lá, esperando na retaguarda a sua altura para amadurecer. Assim, alguns dos nossos sentidos são mais desenvolvidos do que outros. A nossa audição é a mais velha, a mais desenvolvida.

Outro importante aspecto do ensinamento é o de que nós possuímos sentidos de cada plano ou nível da nossa consciência. Por consequência, há também sentido espirituais e astrais. Que a maior parte de nós nada sabe acerca deles é porque presentemente mantemos a nossa consciência tão focada no mundo exterior que o nosso nível de consciência está limitado àquela área.

Perceber é comunicar...

A ideia-chave da Teosofia é que todo o Universo é um grande organismo vivo, que emergiu de uma Fonte de Vida ou de um ponto de unidade. Todos os seres do nosso Universo estão, portanto, interconectados. Consequentemente, estamos em permanente comunicação uns com os outros; cada ser exerce influência, à qual os outros respondem, aos quais o primeiro ser responde por seu turno, etc. A percepção é também um exemplo de *troca*. Vemos isto muito facilmente na comunicação interpessoal. A presença do fotógrafo afecta o modelo que ele deseja fotografar. Um oficial da polícia não pode passar por uma rua sem influenciar o comportamento de algumas pessoas.

Mas isso também se aplica à percepção de objectos. Recordemos que os átomos que constituem os objectos exteriores são os corpos de seres vivos. Cada átomo é animado por um centro de consciência que recebe, irradia influência e é receptivo a outras influências de outros seres vivos. Quando observamos, há uma interacção entre nós e aqueles seres atómicos e é esta interacção que nos faz ver um objecto.

Na física, o “efeito observador” é um fenómeno bem conhecido. Nunca se pode observar ou medir um processo sem

que se intervenha nele mais ou menos, exercendo uma influência sobre ele. “Medidas objectivas”, como se o observador pudesse olhar sem ter um corpo, não existem. Se achamos que uma tábua é macia ou não, pressionamos os átomos dessa mesa mais próximos do que estavam antes. Quando se filma alguma coisa com uma câmara, a radiação térmica e os campos eléctricos e magnéticos emitidos pela câmara têm uma influência – talvez mínima – no ambiente. Todavia, tal influência mínima pode perturbar enormemente medições precisas e falsear os resultados de uma experiência inovadora.

... deste modo, a comunicação envolve responsabilidade!

Cada percepção nossa traduz-se numa influência que exercemos sobre outros seres, incluindo, portanto, os seres humanos nossos companheiros. Este facto dá-nos uma perspectiva profunda no nosso trabalho com os outros seres humanos. A que luz é que nós vemos os nossos companheiros seres humanos? Como é que nós nos aproximamos deles? Será que os vemos como iguais colaboradores dentro da humanidade ou antes como inimigos ou competidores? Isso determina se nós fazemos um apelo ao que é humano dentro deles ou não.

G. de Purucker disse uma vez: “Já alguma vez olhou profundamente no olho de um companheiro ser humano, olhando com olhos atentos para a sua própria espécie? Nunca achou aí maravilhas?”⁽⁶⁾ Qualquer pessoa que tente viver a partir da ideia de uma fraternidade universal descobrirá maravilhas espirituais dentro de cada pessoa. No fim de contas, somos todos deuses em desenvolvimento.

Referências

1. W.Q. Judge, *O Oceano da Teosofia*, capítulo 7, Los Angeles, EUA, a Loja Unida de Teosofia, 1915, págs. 55,56, <https://www.gutenberg.org/files/54268/54268-h/54268-h.htm>.
2. Platão: *Timeu*, 45b-46a (paginação universal de Platão)
3. G. de Purucker, *Man in Evolution (O Homem em Evolução)*, Point Loma, EUA, Editora Universitária Teosófica, 1941, pág 47-48, <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/man-in-evolution/>.
4. H.P. Blavatsky, *Collected Writings, From the Casves and Jungles of Hindustan (Coleção de Escritos, das grutas e florestas do Hindustão)*, Wheaton, EUA, A Casa de Publicações Teosóficas, 1993, pág 266, 277.
5. G. de Purucker, *The Esoteric Tradition (A Tradição Esotérica)*, vol I, Point Loma, EUA, Editora Universitária Teosófica, 1940, pág 466,467, nota de rodapé 212, <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/the-esoteric-tradition-vol-1-2-1/>.
6. G. de Purucker, *Golden Precepts of Esoterism (Preceitos Dourados do Esotericismo)*, 2ª edição revista, Editora Universitária Teosófica, 1938, pág 27, <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/golden/precepts/>.

Como encontrar o seu Trabalho?



Pensamentos-chave

- » O seu trabalho é a sua contribuição exclusiva para o todo.
- » Uma sociedade está em harmonia e funciona como uma unidade quando cada parte faz seu trabalho e acrescenta sua qualidade exclusiva ao todo.
- » É o nosso dharma, dever ou responsabilidade como seres humanos pensar harmoniosamente, por meio do qual desenvolvemos nossa parte interna para liderar nossa parte externa, enobrecendo-a assim. Esta é o nosso Trabalho.
- » Há um conjunto coerente de considerações que podem ajudá-lo a encontrar seu Trabalho: seu Trabalho é necessária ou não? O Trabalho está próximo de seu coração e seu trabalho interno guia o externo? E qual é o seu motivo?

O trabalho é uma parte natural da vida. Entre outras coisas, trabalhamos para satisfazer as nossas necessidades e as dos outros à nossa volta, para nos alimentarmos, abrigarmos, cuidarmos uns dos outros, etc. É necessário para a nossa subsistência. Mas como é que algo tão natural causa problemas a tantas pessoas?

Muitas pessoas lutam para encontrar um trabalho que lhes sirva. Ou sofrem nos seus empregos. Em todo o mundo, continua a haver muita exploração no trabalho que as pessoas fazem. Pense-se, por exemplo, nas condições de trabalho fatais que rodeiam a organização do Campeonato do Mundo de Futebol no Qatar ou nas fábricas têxteis ou fábricas de exploração em países com baixos salários onde se produz a última moda para o Ocidente rico. Mas mesmo nos países ricos, muitas pessoas sofrem de um stress laboral crescente. A taxa de esgotamento está a aumentar em todo o mundo.⁽¹⁾ As pessoas também estão infelizes nos seus empregos porque não sentem o significado do seu trabalho. Têm uma porcaria de trabalho ou um “emprego de treta”, um emprego muitas vezes bem pago que elas próprias dizem não ter significado, talvez até ser prejudicial.⁽²⁾ Noutros países, não há muito trabalho. Muitos jovens, muitas vezes com um elevado nível de formação, passam o dia sem fazer nada e sem perspectivas de emprego.

Falta uma visão clara sobre o trabalho que possa pôr estes problemas em perspectiva. Neste artigo, oferecemos uma visão da Theosophia baseada nas questões: o que é o trabalho, para que é que se trabalha e como encontrar o trabalho que nos convém?

O que é o trabalho?

Quando a maioria das pessoas pensam em trabalho, pensa em trabalho remunerado ou trabalho assalariado. É algo através do qual se ganha dinheiro como empresário, trabalhador independente ou empregado, em nome de um cliente ou empregador, numa base temporária ou permanente. Quando se trabalha por um salário, o trabalho e a vida estão cada vez mais desligados. Por exemplo, podemos reconhecer este facto numa afirmação como “não se vive para trabalhar, trabalha-se para viver”. E no termo “trabalho voluntário”, como um termo separado para o trabalho que não envolve pagamento.

No entanto, se considerarmos o trabalho de uma forma mais ampla do que o trabalho remunerado, a

questão é saber se esta separação entre trabalho e vida se justifica. Para uma primeira “definição de trabalho”, pode sempre recorrer-se à Wikipédia inglês:

Trabalho ou labor é a atividade intencional que as pessoas realizam para satisfazer as suas necessidades e desejos, as dos outros ou as de uma comunidade mais vasta.

O trabalho é entendido como “a atividade que as pessoas realizam para satisfazer as suas necessidades e desejos, as de outras pessoas ou as de uma comunidade mais vasta” e é mais amplo do que o trabalho pago. O trabalho inclui, evidentemente, limpar a casa, cuidar dos filhos ou mandar o jardim. E se olharmos para o trabalho no domínio espiritual, podemos argumentar que espalhar uma ideia para arranjar a rua ou escrever um artigo sobre uma questão social sobre uma questão social para o jornal ou para as redes sociais são também formas de trabalho.

Com esta definição, podemos perguntar-nos de onde provém a “atividade intencional” das pessoas. De nós próprios, do que nos rodeia, da comunidade como um todo, ou talvez de uma combinação dos três? Esta última hipótese enquadra-se bem na imagem da Theosophia, em que a Unidade é o ponto de partida central. O trabalho corresponde então mais de perto ao conceito de *Dharma*.⁽³⁾

Dharma

Dharma significa “religião correcta, filosofia correcta, ciência correcta e a união correcta destas três; daí a *Lei per se*”⁽⁴⁾. O termo *dharma* também tem o significado de justiça, conduta ou dever. Deriva da raiz sânscrita *dhri*, que significa apoiar ou sustentar. Pode pensar-se nele como a responsabilidade de apoiar o todo, a unidade. Também tem o significado de uma característica individual única. O que uma pessoa tem naturalmente de fazer é o “seu *dharma*”.

De acordo com este conceito de *dharma*, a partir de Theosophia podemos definir trabalho como a sua contribuição única para o todo. Este é o teu Trabalho com letra maiúscula.

Este Trabalho transcende o trabalho pago. Intuitivamente, quase todos os seres humanos percebem que têm algum tipo de contribuição a dar, um objetivo ou uma vocação. É a razão pela qual todo o ser humano quer trabalhar. Todo o ser humano quer ser útil, ter uma função, acrescentar valor ao todo, e o nosso trabalho é a expressão disso mesmo.

Quando as pessoas estão desempregadas durante longos períodos de tempo, isso torna-as infelizes ou leva mesmo à depressão. Os vencedores da lotaria que têm milhões geralmente não param de trabalhar. E quando o fazem, geralmente arrependem-se. Os reclusos preferem geralmente trabalhar na prisão a passar o tempo na cela. Isto inclui trabalhos aborrecidos ou sujos, como passar camisas a ferro ou limpar casas de banho. É mesmo uma forma de castigo recusar-lhes esse trabalho. Tudo isto mostra que o homem não é um *homo economicus* calculista que deixa de trabalhar assim que tem oportunidade.

A ideia de Trabalho ou *dharma* como a contribuição única de cada um para o todo é sinónimo do que Platão escreve sobre *dikaiosune* ou justiça no seu diálogo chamado *A República*. Um estado ou sociedade justa é aquele em que cada membro acrescenta a sua qualidade única à sociedade como um todo. Cada pessoa oferece o que pode e recebe o que precisa. E porque cada um contribui de acordo com a sua capacidade, há sempre o suficiente para servir todos de acordo com as suas necessidades. Platão também deixa claro que a contribuição não é a mesma para todas as pessoas, mas que uma contribui naturalmente de forma diferente da outra com base na sua capacidade ou talento. Isto também leva a diferentes classes: os trabalhadores que se dedicam ao fornecimento de alimentos e aos vários ofícios, os guardiões que mantêm a ordem e os sábios que dirigem o Estado. O Estado de Platão e as suas diferentes classes são, no entanto, antes de mais, uma metáfora do próprio homem. Cada classe representa uma parte de nós próprios. A classe dos trabalhadores corresponde à nossa parte desejante e à virtude da temperança ou do autocontrolo. A classe dos guardiões corresponde à parte esforçada em nós e à virtude da coragem. E a classe dos sábios corresponde, naturalmente, à parte sábia em nós e à virtude da sabedoria. Estamos em harmonia quando fazemos com que esta parte sábia, a parte mais elevada em nós, lidere. Se aprofundarmos estas três partes em nós, isso conduz-nos a um aprofundamento do sentido da nosso Trabalho.

O que é o nosso Trabalho?

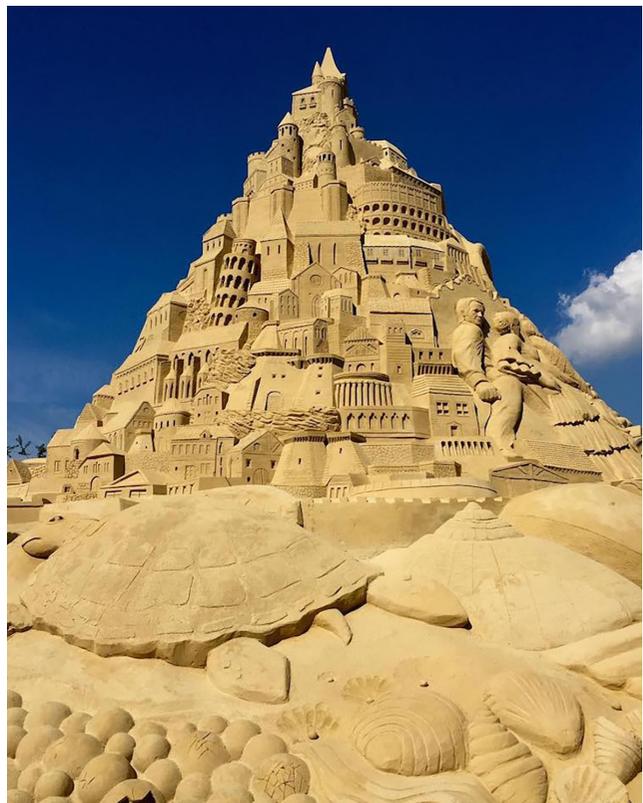
Para complementar a divisão da composição da consciência humana feita por Platão, vamos explicar a divisão em três partes a partir de uma perspectiva teosófica mais moderna. Para começar com a parte mais íntima, vamos primeiro explicar brevemente um pouco sobre o princípio básico da Theosophia, porque é a partir dele que essa parte mais íntima tem sua origem.

O primeiro princípio da Theosophia é que existe o ilimitado: um Princípio omnipresente, eterno, ilimitado e imutável. Tudo o que se manifesta é essencialmente inseparável deste princípio. Por conseguinte, no seu âmago, todo o ser é também ilimitado e imprecível. Este coração em cada ser, este centro imortal de consciência, é também chamado a Mônada, e são usadas metáforas em várias tradições para o descrever: uma centelha de eternidade, um raio de consciência, uma gota do oceano sem limites da vida. Cada ser é uma manifestação dessa centelha e é apenas aparentemente separado. Tal como uma onda é apenas um fenómeno aparentemente separado no oceano, também cada ser é apenas aparentemente separado do oceano ilimitado da consciência. Assim, Theosophia aponta para a unidade de toda a vida; uma corrente infinita de vida, da qual toda a vida é uma parte inseparável.

No outro extremo desta divisão tripartida, existe a parte mais externa. É a parte transitória ou o veículo com o qual podemos ganhar experiência no mundo; com o nosso corpo, fluxos vitais e vida emocional, experimentamos este mundo exterior.

Entre a parte interna e a parte externa está a parte de aprendizagem. A parte da aprendizagem aprende ao expressar a potencialidade ilimitada da Mônada numa área particular de manifestação. Isto é o que nós somos. Também se pode chamar-lhe o carácter individual de cada ser. Isto é algo dinâmico. Para nós, humanos, aprendemos a expressar a consciência sem limites através da nossa capacidade de pensar. Somos pensadores. E com isto não queremos dizer que pensamos apenas intelectualmente: os nossos sentimentos, desejo, sabedoria e compaixão são também aspectos do nosso pensamento. De facto, como pensadores, podemos identificar-nos tanto com a parte exterior como com a parte interior de nós próprios. E pensamos de forma mais harmoniosa quando desenvolvemos a parte interior para liderar a parte exterior, enobrecendo assim esta última.

A religião, a filosofia e a ciência correctas são uma expressão desta parte interior do nosso pensamento. Estas três representam um sentido de unidade, de coerência e de lógica, respetivamente. Unindo-os, partimos da unidade e da conexão, chegamos à compreensão e ao discernimento e podemos raciocinar e explicar intelectualmente. A partir dessa visão interior, realizamos consequentemente todo o nosso trabalho exterior. Na sua essência, este pensamento em harmonia é o nosso *dharmā*, o nosso dever ou responsabilidade como seres humanos. Este é o nosso Trabalho. Estamos aprendendo a pensar harmoniosamente. E a



O que construímos no mundo depende da nossa compreensão do que é o nosso Trabalho. Ilustração: castelo de areia alto, feito em 2017 em Duisburg, Alemanha.

qualidade de qualquer trabalho é determinada pela nossa harmonia mental interior. Cometemos erros quando estamos impacientes, por exemplo, e permanecemos diligentes quando nos controlamos e mantemos uma visão geral.

O que é que o conduz no seu trabalho?

A nossa sociedade tem falta de uma visão clara e partilhada da natureza composta do ser humano e, por conseguinte, do que o Trabalho realmente significa: que estamos aprendendo com o nosso pensamento a expressar a nossa potencialidade interior em benefício de um todo maior do qual somos uma parte inseparável. Assim, não conseguimos reconhecer que existem duas direcções dentro de nós para as quais podemos dirigir o nosso pensamento, a interior e a exterior. Isto cria uma imagem distorcida e leva a muitos dos problemas relacionados com o trabalho que descrevemos no início deste artigo.

O conhecimento da natureza composta dentro de nós dá-nos a capacidade de aprender a orientar-nos. Isto começa com a tomada de consciência de que as duas direcções dentro de nós se manifestam muitas vezes inconscientemente numa certa mistura. Num momento, identificamos com a nossa parte interior e partimos da unidade,

compaixão, conexão, idealismo, discernimento e estamos comprometidos com o bem maior. No outro momento, identificamo-nos com a nossa parte exterior e perseguimos os nossos desejos pessoais de posse, estatuto ou riqueza e escolhemos o interesse próprio.

Como resultado, muitas pessoas não estão no seu lugar certo. Querem contribuir com alguma coisa, mas também se deixam levar pelo desejo de uma carreira por causa do estatuto ou de um salário elevado, em vez de olharem para o valor que podem acrescentar ao todo. A dada altura, percebem que isso não os fez verdadeiramente felizes, mas, mesmo assim, alguns continuam a persegui-la, receando não conseguir manter o seu nível de vida ou sustentar as suas famílias.

Mas talvez duvide que haja um lugar para si neste mundo e que tenha algo para contribuir? É aí que os ensinamentos da reencarnação e do karma são úteis.

De acordo com Theosophia, somos, em essência, imortais. A morte é apenas um período de descanso em que deixamos o nosso veículo e, como parte aprendente, colhemos as nossas lições de vida mais importantes e “absorvemo-las” na parte imortal. Em cada nova encarnação, nós – com a ajuda dos nossos pais – atraímos novamente os blocos de construção das vidas anteriores para construir o nosso veículo. Com este veículo, como parte aprendente, continuamos a aprender as nossas lições de vida. Assim, na vida atual, lidamos também com algumas consequências de causas que criámos numa vida anterior, a que também chamamos karma. Os talentos não são mais do que o resultado de conhecimentos, experiências e capacidades que já adquirimos em vidas anteriores. Assim, se não temos talento para alguma coisa, isso significa simplesmente que temos pouco investimento nessa área.

A nossa vida é, portanto, uma continuação cíclica do nosso processo de aprender. Com base na causa e efeito, nós próprios somos atraídos de novo precisamente para aquelas circunstâncias em que colhemos o que semeámos anteriormente. Isto significa, então, que há lições para cada um de nós aprender exatamente neste momento e nestas circunstâncias: o nosso “dharma”, vocação, responsabilidade ou dever. Se seguirmos os nossos impulsos ou desejos veiculares, que pertencem à nossa parte transitória, não o encontraremos. Pelo contrário, afastamo-nos ainda mais dele e distraímos-nos com ele. Só podemos reconhecer o nosso “dharma” seguindo o nosso *Self* interior, a parte de nós que se identifica com o imortal que há em nós, “seguindo o nosso coração”, como por vezes lhe chamamos de forma algo inepta.

Os empregos de uma sociedade reflectem a mentalidade dominante

Na nossa sociedade, devido à falta de discernimento, o trabalho é valorizado de forma arbitrária e desigual, o que gera muita confusão. Por exemplo, se considerarmos o valor acrescentado para a sociedade no seu conjunto, os lixeiros deveriam ganhar mais do que os banqueiros, como já escreveu o jornalista Bregman.⁽⁵⁾

Ora, uma sociedade não é mais do que um reflexo da mentalidade humana média. Por exemplo, podemos ver que uma sociedade é moldada de forma muito diferente quando as pessoas consideram o bem-estar mais importante do que a riqueza. Por exemplo, elas darão muito mais contributos por si próprias, sem qualquer pagamento em troca. Na verdade, isto aplica-se a todas as comunidades da vida, pequenas e grandes. Por vezes, pode haver muito mais compreensão e apoio mútuo numa aldeia do que na vizinhança imediata da aldeia ou do país em que se encontra. Tudo isto resulta da forma como as pessoas pensam em média.

Platão também dá um exemplo claro deste facto no seu diálogo *A República*. Sócrates começa por descrever a comunidade viva mais elementar. Neste estado, há uma divisão do trabalho para satisfazer as necessidades necessárias à vida: uma pessoa cultiva os alimentos, outra fornece as ferramentas e constrói e mantém as casas, uma terceira confecciona as roupas, etc.⁽⁶⁾ No entanto, os parceiros de Sócrates no diálogo vêem esta comunidade de vida como mais adequada aos porcos do que aos seres humanos. Sócrates passa então a esboçar o excesso de estado “febril”:

As coisas que mencionei anteriormente e o modo de vida que descrevi não satisfarão algumas pessoas, ao que parece, mas sofás, mesas e outros móveis terão que ser adicionados, e, é claro, todo tipo de iguarias, óleos perfumados, incenso, prostitutas e pastelaria. Não devemos fornecer-lhes apenas as necessidades que mencionámos no início, tais como casas, roupas e sapatos, mas é preciso começar a pintar e a bordar, e adquirir ouro, marfim e coisas semelhantes.⁽⁷⁾

Em suma, este estado excessivo está concentrado em necessidades não necessárias. O desejo pessoal prevalece aqui, e isso acaba por causar problemas:

“E a terra, suponho, que costumava ser adequada para alimentar a população que tínhamos na altura, deixará de ser adequada e tornar-se-á demasiado pequena. O que é que acha?”

“O mesmo.”

“Então teremos de nos apoderar de algumas das terras dos nossos vizinhos se quisermos ter pasto e terra de lavoura suficientes. E os nossos vizinhos não quererão também apoderar-se de parte das nossas, se também eles se entregaram à aquisição interminável de dinheiro e ultrapassaram o limite das suas necessidades?”

“Isso é completamente inevitável, Sócrates.”

“Então o nosso próximo passo será a guerra, Glaucon, não é?”
“Será.”

“Não vamos dizer ainda se os efeitos da guerra são bons ou maus, mas apenas que já encontramos as origens da guerra. A guerra tem origem nos mesmos desejos que são os principais responsáveis pelas coisas más que acontecem às cidades e aos indivíduos que as habitam.”⁽⁸⁾

A lição de Platão é clara. O desejo pessoal de coisas externas – mais posses, luxo, prazer físico – apenas alimenta a “busca ilimitada de mais” e, em última análise, conduz a conflitos e desarmonia. Hoje em dia, vemos isso com a mesma frequência: já não sob a forma de guerras físicas (embora, infelizmente, ainda existam), mas sob a forma, por exemplo, de uma desigualdade crescente entre ricos e pobres, do esgotamento dos recursos naturais ou de danos no clima. Mesmo que muitos países e empresas operem de acordo com a letra da lei, a questão é saber se o trabalho que prestam contribui efetivamente para satisfazer as necessidades necessárias, ou apenas para exceder as necessidades não necessárias de um grupo limitado, não tornando assim o mundo um lugar mais justo.

Como encontrar o seu trabalho?

Tudo isto leva a uma série de considerações que podem ajudá-lo a encontrar a seu Trabalho. A primeira questão está relacionada com o esquema de Platão acima: o seu trabalho é necessário ou não? Está realmente a acrescentar valor à sociedade? Está a ajudar-se a si próprio e aos outros a satisfazer as suas necessidades de subsistência, ou a transmitir-lhes conhecimentos ou competências de que necessitam para o fazer de forma independente, ou com os quais se podem desenvolver internamente?

A investigação sobre os *empregos da treta* mostra que cerca de um em cada vinte empregos remunerados na Europa não passa neste teste.⁽⁹⁾ Por exemplo, há empregos que consistem apenas em controlar administrativamente se os outros estão efetivamente fazendo o seu trabalho. Há também empregos de gestão que são efetivamente supérfluos. E empregos sem grande valor acrescentado ou, por

vezes, até negativo – como no sector financeiro ou jurídico, onde as pessoas trabalham para tornar um pequeno grupo de pessoas ricas ainda mais ricas ou mais poderosas à custa do todo.

Se olharmos de forma mais abrangente, isto pode aplicar-se a sectores inteiros. Porque é que temos 20 tipos de geleia ou compota, ou 30 tipos de cereais ou pizzas congeladas? Se nos concentrássemos em necessidades, será que departamentos como o marketing ou a publicidade são necessários? Se já nenhuma empresa tivesse advogados, seriam estes necessários? Se já nenhum país tivesse um exército, seriam necessários exércitos? A Costa Rica não tem um exército. Mas tem uma universidade da paz. Tudo isto pode parecer um pouco radical, mas, ao mesmo tempo, qualquer pessoa com bom senso admitirá que não é impossível fazer as coisas de forma diferente ou deixá-las de lado. Por exemplo, a crise do coronavírus provou que, de um dia para o outro, podemos deixar de voar. E mesmo que não tenha durado muito tempo, voar tornou-se menos óbvio do que antes. Em todo o caso, estamos numa altura em que nos tornamos mais conscientes dos efeitos adversos de uma economia concentrada em primeiro lugar no consumo de massas e na maximização dos lucros. E um número crescente de pessoas começa a perceber que o seu valor acrescentado para a sociedade é nulo ou, por vezes, até negativo, mesmo que ganhem bem.

Isto remete para a seguinte reflexão: até que ponto é que fazemos um trabalho que nos é verdadeiramente caro? É um trabalho que parece uma espécie de vocação? Algo que a sua consciência, a sua intuição, todo o seu ser lhe diz para fazer? Um trabalho para o qual desenvolveu os talentos ou capacidades específicas e que sabe que a sociedade precisa? Ou escolhe o trabalho porque espera que corresponda às expectativas dos pais, dos amigos ou de outras pessoas? Ou simplesmente porque é bem pago? Um sinal de que não está realmente a seguir o seu coração é o facto de estar constantemente a inventar todo o tipo de razões para justificar o seu emprego atual ou futuro. Ou se tem medo de ficar desapontado se deixar o seu emprego atual ou se tem medo de não encontrar outra coisa. Ao considerar isto, a questão é sempre a de saber se a sua consciência interior – a sua consciência, intuição, paixão ou sentido de unidade – está a prevalecer sobre a sua parte exterior: as suas inclinações pessoais, desejos, impulsos, sentimentos ou propensão para o conforto material.

A terceira e última consideração diz respeito ao motivo pelo qual trabalhamos. Estamos fazendo o trabalho prin-

cialmente para nós mesmos ou para um todo maior do qual fazemos parte? Por exemplo, podemos trabalhar para a nossa própria subsistência, mas também para a da nossa família ou da comunidade de que fazemos parte.

No entanto, mesmo o trabalho que visa o todo pode conter secretamente um certo grau de egoísmo. Por exemplo, porque estamos muito apegados ao seu resultado: faz-nos sentir bem, coloca-nos em boa posição perante os outros, ou coloca-nos num pedestal. Ou faz-nos sentir exaltados ou moralmente superiores. É necessária uma autorreflexão sincera para vermos isto por nós próprios.

Se assumirmos verdadeiramente a unidade de toda a vida, não caímos nesta armadilha. Não se trata de si próprio, mantém-se concentrado em si mesmo, no ideal subjacente. Em suma, não vê este trabalho como algo que tem de ser feito e depois está mas algo com o qual pode continuar a ser importante, que requer a sua atenção e através do qual pode continuar a aprender. Algo que se faz e se pode continuar a fazer de coração, independentemente do que isso nos traga. Como diz o sábio indiano Krishna:

Portanto, faze o que tens de fazer, sempre sem te preocupares com o acontecimento [isto é, sem apego ao resultado, E.B.]; pois o homem que faz o que tem de fazer, sem apego ao resultado, obtém o Supremo. (...)

Mesmo que consideres apenas o *bem da humanidade*, o cumprimento do teu dever será claro;

— *Bhagavad Gītā*, 3:19-20

Cada pensador independente faz a diferença. E podemos sempre trabalhar o nosso pensamento, independentemente do trabalho pelo qual somos pagos. Com o tempo, descobrirá que, ao mudar o seu próprio pensamento, o seu trabalho exterior também se transforma, ou que atrai trabalho que está mais de acordo consigo, que lhe permite dar melhor a sua contribuição única para o todo. Num artigo futuro, iremos desenvolver mais sobre a implementação prática da visão teosófica do trabalho.

Referências

1. De acordo com um inquérito realizado em 100 países em 2020, 43% das pessoas declaram ter sofrido de esgotamento no trabalho, contra 39% em 2019. Fonte: <https://www.travelperk.com/blog/remote-work-burnout-statistics/>.
2. David Graeber, *Bullshit jobs*. Londres, Penguin Books, 2019. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Work_\(human_activity\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Work_(human_activity)); consultado em 13 de agosto de 2023.
3. G. de Purucker, *Occult glossary*. 1ª edição. Londres, Rider, 1939, p. 48, lema “Dharma”. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/occult-glossary/>.
4. Ver também: G. de Purucker, “Duty and the moral balance”. In: *Wind of the Spirit*. 1ª edição. Point Loma, Califórnia, Point Loma Publications, 1944, p. 202-203. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/reading/gottfried-de-purucker/wind-of-the-spirit/>.
5. Fonte: <https://economics.com/why-garbage-men-should-earn-more-than-bankers/>.
6. Platão, *Politeia*, 369c (Platão paginação universal).
7. Platão, *Politeia*, 373a (Platão paginação universal).
8. Platão, *Politeia*, 373de (Platão paginação universal)
9. M. Soffia, A.J. Wood and B. Burchell, “Alienation is not ‘bullshit’: an empirical critique of Graeber’s theory of BS jobs”. Artigo em: *Work, Employment and Society*, Volume 36, issue 5, 2022, p. 816–840. Fonte: <https://doi.org/10.1177/09500170211015067>.

Apresentação da tradução portuguesa de *Os Fundamentos da Filosofia Esotérica* de Gottfried de Purucker

No domingo, 12 de novembro, foi lançada a tradução portuguesa de *Os Fundamentos da Filosofia Esotérica* de Gottfried de Purucker. Este livro foi compilado de 48 estudos que De Purucker realizou durante os anos de 1924 a 1927 para a Seção Esotérica (S.E.) da Sociedade Teosófica no Templo da Paz em Point Loma, Califórnia.

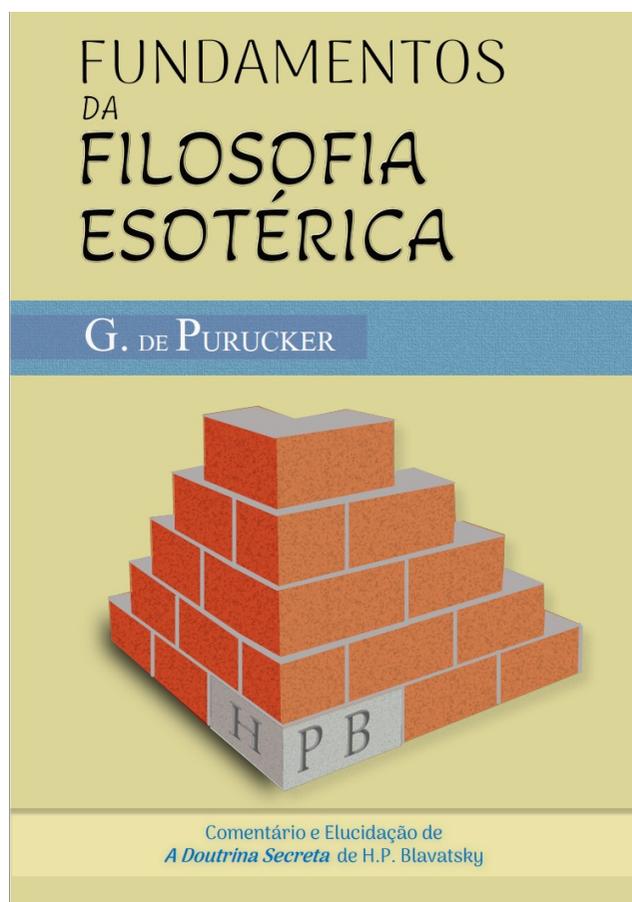
Foram feitos registros estenográficos desses estudos, que foram editados e enviados aos membros da S.E. que não moravam em Point Loma. Em 1932, ainda sob a liderança de Gottfried de Purucker os relatórios foram publicados em forma de livro. Katherine Tingley tinha convidado membros da S.E. para estudar *A Doutrina Secreta*, a obra máxima de Helena P. Blavatsky. Ela preparou essas reuniões e orientou Gottfried de Purucker na explicação dessa obra. Ela sistematizou a quantidade aparentemente esmagadora de informações, apresentando os sete principais ensinamentos da Theosophia – que são tratados de forma intercambiável em *A Doutrina Secreta* – de maneira clara e concisa.

O Fundamentos da Filosofia Esotérica ocupa um lugar especial em a obra de G. de Purucker. Isso acontece não apenas por causa dos ensinamentos que aborda, mas também por causa de sua maneira esotérica. A maneira ocidental usual de aprender é trabalhar um assunto em todos os detalhes e depois passar para o próximo tópico. O método oriental de aprendizado é diferente. Primeiro, lança-se uma ideia sem aprofundá-la. Em seguida, outro tópico é abordado e talvez até um terceiro ou quarto tópico. Depois de algum tempo, a primeira ideia é retomada, mas agora são fornecidas mais informações e elas estão relacionadas a outra ideia. Esse método é usado no livro para que você, leitor/estudante, possa permitir que as ideias esotéricas nasçam dentro de você.

Durante a reunião do Zoom, em que o livro foi apresentado, foram feitas várias palestras curtas, introduzindo os *Fundamentos* em mais detalhes e colocando o livro em seu contexto histórico.

As palestras podem ser ouvidas em: <https://youtu.be/5DkXjYzhFFc?si=tVYZ3aq8TX8cbO1N> e: <https://www.youtube.com/watch?v=5DkXjYzhFFc>

O livro está à venda em: Editora Teosófica em Brasília, Brasil. <https://www.editorateosofica.com.br/buscar?q=Purucker> Para quem mora na Europa, pode ser mais econômico comprar o livro da Fundação I.S.I.S. Para isso, escreva um e-mail para: luciferred@isis-foundation.org.



Perguntas e Respostas

Atmosfera no nascimento

Será que o comportamento de uma mulher grávida afecta o ego reencarnante da criança que está prestes a dar à luz?

Resposta

Antes de mais nada, queremos ressaltar claramente que a gestante e a criança reencarnante – assim como o pai – já estabeleceram entre si uma relação estreita em vidas anteriores. A criança é um ser humano com a sua própria história, com as suas qualidades e defeitos que ela própria desenvolveu em vidas anteriores. Por isso, o carácter e as capacidades da criança não se formam durante a gravidez, mas já existiam antes do nascimento.

Portanto, há uma longa história passada de pais, filho e, talvez em maior ou menor grau, irmãos, avós, tios e tias, vizinhos, sim, todo o ambiente, que construíram relações entre si, criando causas, que em encarnações posteriores se manifestam como efeitos. Se, em vidas anteriores, houve uma ligação harmoniosa entre a mãe, o pai e o filho – os três principais factores cármicos – e todos trabalharam em conjunto de forma desinteressada, foram atenciosos uns com os outros, então a mãe adoptará uma atitude harmoniosa correspondente agora. Por exemplo, ela não beberia álcool ou fumaria. Evitaria o stress e não teria pensamentos egoístas. Concentra-se em cuidar do bem-estar do seu filho ou filha.

O ambiente de uma casa já exerce a sua influência muito antes de a

mulher estar grávida. A relação mútua dos parceiros, o seu objetivo de vida, as suas relações com os outros, em suma, a atmosfera mental particular do casal, exerce uma atração sobre a criança reencarnante. E, durante a gravidez e a infância, essa atmosfera afecta o desenvolvimento físico e mental da criança, criando efeitos que podem afirmar-se muitos anos após o nascimento.⁽¹⁾

A situação ideal ocorre quando há paz e amor no lar. A futura mãe tem constantemente pensamentos de beleza, espiritualidade e compaixão. Quando a criança nasce, tem todas as oportunidades para desenvolver harmoniosamente todos os diferentes aspectos do carácter que construiu na sua vida anterior. Por outro lado, se houver uma luta constante e tensão emocional em casa, esta atmosfera tem um efeito negativo na criança. Os efeitos desta influência podem prolongar-se por muitos anos, mesmo depois de atingida a idade adulta. Por isso, a importância de criar um ambiente calmo e altruísta não pode ser subestimada. E por ambiente não se pense apenas num berçário bem decorado – embora isso também possa ser importante – mas sobretudo num ambiente mental: os pensamentos que a futura mãe e os seus familiares e amigos têm. Mesmo antes de nascer, o ser humano que regressa à Terra é sintonizado num determinado tom por essa atmosfera, que dá à sua nova encarnação uma direcção benévola. Nessa atmosfera, as suas qualidades mais nobres podem desenvolver-se plenamente.

Referência

1. Tessa Roseboom, professora da Universidade de Amsterdão, tem feito muita investigação sobre a gravidez e a primeira infância. Neste vídeo, ela descreve muitos resultados importantes da investigação: Fundação Bernard van Leer, <https://www.youtube.com/watch?v=StuLmPiJrRQ> (20 minutos).

Karma

Ninguém pode fazer nada em relação ao karma. Alguém está em estado de morte. A profissão médica intervé. O homem melhora. O homem tem alguma influência sobre isso?

Resposta

O facto de ninguém poder “fazer” nada em relação ao karma é uma formulação que não encontrará na Theosophia. “Karma” significa ação e nós agimos sempre. Agimos porque queremos. O nosso livre arbítrio é, portanto, a base do karma. Por conseguinte, estamos *sempre* a “fazer” algo em relação ao karma. Além disso, para se obter uma imagem correcta da lei do karma, é preciso estar bem ciente de que o karma existe porque há unidade, porque tudo está inter-relacionado. Assim, a pessoa que está morrendo e o médico têm uma ligação cármica. Um afecta sempre o outro. O karma isolado não existe. Se eu conto ao meu vizinho algo sobre Teosofia, eu o influencio. Se não o faço, também o estou a influenciar. Não agir também é agir, diz o *Bhagavad-Gītā*. Portanto, estamos sempre a influenciar-nos uns aos outros. A questão é: que influência? Influência positiva e altruísta? Ou queremos beneficiar-nos a nós próprios?

O karma é essencialmente livre arbítrio. O que foi feito não pode ser desfeito e leva-nos a determinadas situações no futuro. Mas a forma como lidamos com essa situação criada por nós próprios baseia-se sempre no nosso livre-arbítrio e conduzirá a novas consequências.

No caso concreto do homem gravemente doente, tal como formulado na pergunta, pode dizer-se que o homem ficou doente devido a causas do seu passado. Essa doença não é uma desgraça imposta "de cima", não é um destino externo a esse homem. O facto de ele ter nascido numa altura em que os médicos aparentemente conseguem curar alguns doentes, também é karma. Isso não é "sorte", mas igualmente causa e efeito.

No entanto, em cada momento, o homem mantém o seu livre arbítrio. Por exemplo, após a sua cura, ele pode seguir os conselhos dos médicos - e vive durante muito tempo - ou ignorá-los, e volta ao hospital passado pouco tempo.

Pergunta

Então a sorte e o azar não existem? Se um jogador de futebol chutar a bola para a sua própria baliza, isso não é azar?

Resposta

Na linguagem corrente chamamos-lhe azar, mas em rigor é causa e efeito. A causa de rematar a bola para a sua própria baliza pode ser o facto de não ter controlo da bola; e isso, claro, tem outra causa. Talvez tenhas sido preguiçoso e não tenhas treinado. Talvez não te tenhas concentrado porque dormiste mal nessa noite, ou porque achas que o futebol não é assim tão importante. E assim há dezenas de causas possíveis.

Mas o mais importante é que esse "erro" permite-nos aprender. Aprende-se a pôr as coisas em perspetiva. Aprende-se a aceitar a derrota com um sorriso. E isso aplica-se igualmente a todos os outros membros da equipa de futebol acima mencionada. Mesmo os menores acontecimentos das nossas vidas, e especialmente aqueles que nos magoam, permitem-nos crescer em sabedoria. É por isso que se diz que o karma é o nosso melhor professor. Por vezes, é-nos difícil identificar a causa exacta daquilo a que chamamos "azar" ou "sorte". E porque não nos apercebemos dessa causa, falamos de acaso ou de aleatoriedade, de má sorte ou de boa fortuna. Mas em todo o cosmos, em tudo o que podemos observar, os acontecimentos não ocorrem por acaso. Há sempre uma causa subjacente. O facto de não conhecermos essa causa não significa que ela não exista.

Será que o conhecimento adquirido se perde?

A Teosofia diz que o conhecimento adquirido nesta vida não se perde. Isso se aplica a todos os tipos de conhecimento? Se fores um advogado ou juiz nesta vida, já conhecerás o livro de leis na próxima vida?

Resposta

Depende, de facto, do tipo de conhecimento. Há o conhecimento duradouro, a que chamamos compreensão ou discernimento, que é o conhecimento do fundo das coisas. E há o conhecimento externo, que só tem a

ver com o mundo exterior. O primeiro conhecimento – por vezes designado na Bíblia por *Sabedoria do Alto* – é duradouro. Se tiveres adquirido *insight* sobre as causas subjacentes à vida, nunca ninguém pode tirá-lo de ti. O segundo tipo de conhecimento, o do mundo exterior, é temporário. Perdemos-lo quando morremos. Este tipo de conhecimento exterior tem de ser adquirido em cada encarnação, com a ajuda dos educadores e professores.

Assim, para desenvolver o exemplo da pergunta: o conhecimento de direito português, angolano ou brasileiro será esquecido numa vida subsequente. Nesta vida pode saber que artigo do Código é aplicável a uma determinada situação, mas numa próxima vida esse conhecimento perder-se-á. Isso provavelmente não tem importância nenhuma, porque na sua próxima vida haverá outras leis e o seu conhecimento como juiz ou advogado do Código atual não lhe será útil. Esse conhecimento só é útil nesta vida e perde-se com a morte. Mas a sua capacidade de adquirir conhecimentos não desaparece. Por isso, a tua capacidade de ler, compreender e interpretar os textos jurídicos permanecerá. É a essa capacidade que chamamos talento. Mas o que fazes em qualquer vida com as tuas capacidades e talentos acumulados no passado, depende das tuas escolhas de agora. Pode deixá-los germinar e crescer, fortalecê-los, ou, pelo contrário, não lhes dedicar qualquer energia. Neste último caso, elas permanecem como sementes adormecidas e inexploradas na sua consciência.

Outro exemplo: se fores bom em línguas nesta vida, na próxima vida terás de aprender a língua novamente – e talvez nasças num país completamente

diferente – mas a tua capacidade de aprender uma língua, a tua percepção da língua, o teu talento, continua lá. As palavras e a gramática de uma língua estrangeira terão de ser dominadas de novo, mas todos os professores de línguas sabem que, para alguns alunos, isso é quase natural, enquanto para outros é necessário um grande esforço. E isto aplica-se também à matemática, ao conhecimento da natureza humana, à biologia, a tudo. Em suma, o conhecimento externo só é útil para esta vida, mas o discernimento, a compreensão, a sabedoria – tudo o que tem a ver com o lado espiritual da nossa consciência – depois de o termos desenvolvido, nunca se perderá. Tu tornaste-te nisso. E o que tu és, nunca poderás perder.

Devachan

O Devachan é um lugar ou uma esfera? Há várias pessoas a viver lá? E em que tipo de corpo?

Resposta

Depois de morrer, há várias fases pelas quais passa o ser humano excarnado. A fase mais elevada é a que chamamos de *devachan*, palavra que poderia ser traduzida como “reino feliz”. O devachan, no entanto, não é um lugar, não é uma esfera, não é um mundo: *é um estado de consciência*. Uma pessoa pode estar no devachan em qualquer lugar. Uma pessoa que passa a vida a sonhar com ideais, sem ter uma visão prática, sem se perturbar com o que se passa à sua volta, está num estado devachânico até certo ponto, embora, claro, muito limitado. Ele cria o seu próprio mundo de sonho e vive nele.

No estado devachânico revivemos os nossos pensamentos mais nobres, os nossos ideais espirituais e aspirações da vida passada. É por isso que cada

um tem o seu próprio devachan, porque cada um tem os seus próprios ideais espirituais. É por isso que também há muitos graus de devachan: desde o muito elevado até ao que mal se eleva acima da nossa consciência terrena. Se não conhecesse tendências espirituais – isto é, se nunca tiveste pensamentos nobres, nunca ajudaste verdadeiramente os outros, nunca sentiste amor pelos teus semelhantes, ou mesmo se nunca acreditaste que possa haver uma vida depois da morte – então não experimentarás o devachan. Então, para ti, depois de te teres livrado de todos os elementos inferiores, a morte é um estado inconsciente, como num sono sem sonhos.

A beatitude do devachan é muito maior do que qualquer felicidade na Terra. Porquê? Porque todos os elementos inferiores da consciência – os pensamentos, desejos e emoções pessoais, tais como preocupações e medos – são deixados para trás pelo homem aquando da morte. Por conseguinte, estes não podem perturbar as imagens ideais e felizes que o *devachani* percebe.

No entanto, o devachan é uma ilusão. É uma bela ilusão, sim, mas o ser humano está num mundo de sonho. Nesse mundo de sonho – e usamos a palavra “sonho” por falta de outra palavra – vivemos com todos os tipos de outras pessoas, nossos entes queridos. Mas isso é aparência, embora pensemos que é muito real. No entanto, são as projecções dos nossos aspectos superiores de consciência, que percebemos e consideramos reais, sim, que são muito mais reais para nós do que qualquer experiência na Terra. Apenas as pessoas altamente espirituais – e estamos agora a referir-nos aos Mestres de Sabedo-

ria e Compaixão – que morrem autoconscientemente, não perdem a sua autoconsciência após a morte do corpo. Portanto, eles terão superado a ilusão do devachan. Eles estão, mesmo depois da morte, num estado autoconsciente nos reinos cósmicos internos, isto é, depois de terem abandonado o seu veículo físico. Eles sabem onde estão.

É claro que a consciência humana deve estar *algures* depois da morte. Mas o lugar onde ela está, na verdade, não tem importância, porque o ser humano não se dá conta disso. Ele permanece no seu nobre mundo de sonho. Está absorvido naquilo a que chamamos “o seio da mónada”, do nosso deus interior, *Ātman*.

Aqui abordamos um ensinamento muito profundo, do qual só podemos dizer muito brevemente agora. Quando morremos, o nosso deus interior é livre e continua o seu próprio caminho de desenvolvimento, levando-nos consigo, por assim dizer, como uma mãe leva um bebé num berço de viagem. A consciência humana é incorporada no todo maior da corrente de consciência que somos.

Para mais informações sobre os processos de morrer e os estados após a morte, remetemos para os *Esoteric Teachings (Ensinamentos Esotéricos)* de Gottfried de Purucker, volumes 11 e 12.⁽¹⁾

Referência

1. G. de Purucker, *Esoteric Teachings*, Volume 11 en 12 (“Death and the circulations of the Cosmos”, parts 1 and 2) (“A morte e as circulações do Cosmos”, partes 1 e 2). Haia, Fundação I.S.I.S., 2015.

Ilustração da capa:

Estátua de Al-Farabi em Almaty, Cazaquistão.
Escultura de Ayana Sergebayeva. Ver artigo "Utopia. Será que a terra feliz existe?"

Lúcifer®

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer, Rob Goor, Nico Ouwehand, Erwin Bomas, Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de fazer uma seleção e/ou de resumir as mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a partir do 22.º número gratuito da versão inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para subscrições: enviar mensagem para a sede editorial:

luciferred@stichtingisis.org.

O preço das nossas edições em papel custam €4,60 e €9,20 para uma edição dupla, excluindo portes.

Para pagamento pela internet – cartão de crédito (ver página de internet).

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou tornada pública por qualquer forma ou meios: eletrónica, mecânica, por fotocópias, gravações, ou de outra forma, sem permissão anterior da Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês] é "Stichting International Study-centre for Independent Search for truth". A sua sede é em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de Fraternidade Universal, através da disseminação do conhecimento sobre a estrutura espiritual do ser humano e do cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar este objetivo através de cursos, organizando palestras públicas, publicando livros, brochuras e outras publicações, e recorrendo a todos os recursos disponíveis com vista a este fim. A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins lucrativos, reconhecido como o tal pela autoridade tributária dos Países Baixos. Para fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se chama de estatuto ANBI. ANBI significa Organização para o Benefício Geral (Algemeen Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos, portanto não tem rendimentos. Quaisquer lucros que resultem da venda de livros, devem ser totalmente utilizados para atividades gerais de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto, objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher requisitos de integridade.

O ANBI deve ter uma propriedade separada, pelo que um diretor ou decisor não pode tomar decisões sobre esta propriedade como se fosse sua.

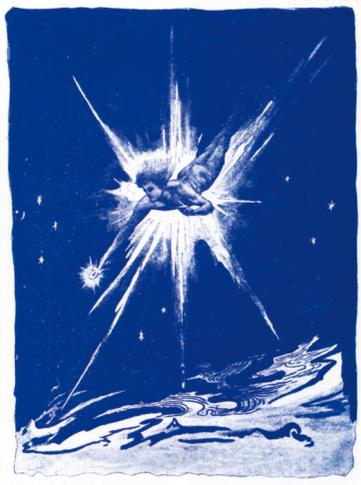
A remuneração dos membros da direção apenas pode consistir de um reembolso de despesas e assistência. O número ANBI da Fundação I.S.I.S. É o 50872.

International
Study-centre for
Independent
Search for truth
Foundation

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).